

COMPREENDER O



*Breve descrição dos seus princípios,
valores e legado*

Bendito seja Aquele que revelou a fonte de todos os critérios (de certo e errado) ao Seu Servo (o Profeta Maomé) para que ele avise toda a humanidade.

O Glorioso Alcorão 25:1

COMPREENDER O ISLÃO

Breve descrição dos seus princípios, valores e legado



4.ª edição: Dhu al-Hijjah 1447 /Junho de 2026

Direitos de auto

O Islamic Information Center autoriza a publicação deste livro em qualquer língua com a finalidade de ajudar a humanidade a compreender o Islão, **na condição** de que não sejam introduzidas quaisquer alterações e de que não seja para fins comerciais.

Autoria e publicação

Centro de Informação Islâmica
Grande Mesquita do Sultão Qaboos
Sultanato de Omã
Fax. (968) 2450 5170
www.iicomman.om



*Em nome de Alá, o Inteiramente Misericordioso,
o Especialmente Misericordioso*

ÍNDICE

<i>Secção</i>	<i>Página</i>
Prefácio	1
1. O Islão na história.....	2
2. O significado e os princípios básicos do Islão	8
3. A natureza e os atributos de Alá – O Criador	19
4. O profeta Maomé – A sua vida e personalidade	21
5. A autenticidade do profeta	24
6. A história e a mensagem do Alcorão	30
7. A autenticidade do Alcorão	39
8. As tradições do profeta	42
9. A vida depois da morte.....	44
10. A visão islâmica sobre outras religiões	49
11. Jesus no Islão.....	52
12. Porquê o Islão? As religiões não estão todas certas?.....	55
13. Advertência sobre o ateísmo e o agnosticismo.....	57
14. O estatuto das mulheres no Islão	61
15. O extremismo e a violência religiosos	62
16. A jihad islâmica.....	64
17. A sharia islâmica.....	66
18. As divisões no Islão.....	68
19. Os direitos humanos básicos no Islão.....	70
20. A diversidade cultural no Islão.....	74
21. Por que razão a religião é importante?.....	78
22. Como pode uma pessoa tornar-se muçulmana?	80
Glossário	82
Notas finais	84
Referências	88

Prefácio

Alá criou o ser humano com o único propósito de servi-Lo e viver de acordo com os Seus mandamentos. Com este fim em mente, estabeleceu a Sua religião, que representa a nossa Submissão à Sua Vontade (*Islam* em arábico), designou mensageiros e revelou as escrituras para orientar a humanidade para esta religião. Assim, todos os seres humanos têm o direito de conhecer esta religião de Deus, tendo deste modo a oportunidade de tomar decisões informadas em questões de fé. Infelizmente, desde o início, o Islão tem sido distorcido pelos seus críticos e, conseqüentemente, tem continuado incompreendido, criando assim uma barreira para aqueles que buscam a verdade espiritual. Por outro lado, grande parte do que é hoje apresentado a respeito do Islão pelos chamados «especialistas» está extremamente contaminado por vários preconceitos e tendenciosismos, embora haja exceções. Com efeito, não existe outra religião no mundo sobre a qual os autores ocidentais tenham escrito tanto e, ao mesmo tempo, em termos tão negativos e enganadores como sobre o Islão. Assim, mesmo com a intensificação da escrita sobre o Islão na última década, são raras as obras autênticas sobre o Islão baseadas na verdade e na intenção de criar um entendimento mútuo em vez de polarizar as opiniões.

A finalidade deste livro é lançar luz sobre esta grande religião e eliminar as distorções e concepções erróneas sobre ela, dando assim uma oportunidade a toda humanidade de ver o Islão de uma perspectiva verdadeira e correta e abrir caminho às pessoas para que entrevejam o caminho certo para a fé. A fé é muitas vezes determinada pela cultura de cada um e é apenas através do conhecimento que é possível distinguir onde reside de facto a verdade.

O Islão na história

O Islão é simultaneamente uma religião e uma civilização, uma realidade histórica que abarca catorze séculos de história humana e de presença geográfica em vastas regiões em todos os continentes. É uma realidade espiritual que desempenhou um papel significativo no desenvolvimento de certos aspetos das civilizações, sobretudo da civilização ocidental, e transformou a vida interior e exterior de inúmeros seres humanos em todo o planeta. Hoje em dia, quase dois mil milhões de pessoas de diferentes origens raciais, étnicas e culturais, são muçulmanas praticantes. O Islão não só tem uma presença no mundo atual, mas a sua influência é também evidente no Ocidente, na Ásia e em África. É por essa razão que o conhecimento do Islão é muito importante para quem se preocupa com o estado da humanidade contemporânea e está interessado na história intelectual e cultural ocidental, bem como para quem se sente atraído pela realidade da religião e pela sua espiritualidade.

Não é possível compreender o Islão sem ter uma ideia da importância do conceito de Umma, ou seja, a globalidade das pessoas que são muçulmanas e constituem o mundo islâmico. A Umma islâmica é una, ligada pela solidariedade para com a mensagem corânica de unicidade e soberania divinas, a mensagem do profeta Maomé (que a paz e a bênção de Alá estejam com ele¹), e a aceitação da lei divina (a sharia). Os muçulmanos estão unidos por um forte vínculo de fraternidade, um laço que é fortemente sentido ainda hoje, apesar da turbulência que tem assolado algumas sociedades muçulmanas. Embora os muçulmanos já não estejam politicamente unidos, constituem ainda assim uma única comunidade religiosa. Não existe praticamente nenhum grupo étnico ou racial no mundo que não inclua membros pertencentes à Umma islâmica. Desde o princípio, enquanto religião dirigida a toda a humanidade, o Islão tem-se oposto vigorosamente a todas as formas de racismo, divisão e tribalismo. A sua Umma compreende todos os grupos étnicos e raciais do mundo espalhados por todos os continentes: Ásia, África, Europa, América do Norte e do Sul e Austrália.

A história do Islão é indissociável da história da sociedade, das instituições e da civilização islâmicas em que se manifestou. O período desde a migração do profeta de Meca a Medina, que marca o estabelecimento da primeira sociedade islâmica em Medina, até à sua morte e ao reino dos quatro califas justamente guiados (622 EC a 661 EC) constitui um período único na história islâmica. Trata-se de um período de ideais no qual os muçulmanos têm procurado orientação ao longo da sua história subsequente.

O governante, que sucedeu imediatamente aos quatro califas justamente guiados, estabeleceu um vasto império cujo centro era Damasco, mas à custa da transformação do califado dos justamente guiados numa dinastia hereditária. Os Omíadas, a primeira dinastia muçulmana, governaram desde a Ásia Central até Espanha e França, estabelecendo um sistema de comunicação e administração e instituições jurídicas e militares que, em grande parte, sobreviveram ao longo dos séculos. Foram introduzidas inúmeras reformas nas regiões sob o seu domínio,



Palácio de Alhambra, em Granada, Espanha

relacionadas com melhorias da administração pública, do comércio, da agricultura e dos serviços postais. A dinastia Omíada estava no seu apogeu quando tomou as importantíssimas decisões de tornar o arábico a língua franca do mundo muçulmano e de introduzir uma moeda única com a cunhagem das suas próprias moedas de ouro e prata. A Mesquita Omíada de Damasco e a Cúpula da Rocha de Jerusalém contam-se entre as importantes realizações arquitetónicas dos Omíadas.

Em 750 EC, os Omíadas foram destronados pelos Abássidas que transferiram o centro do Islão para uma nova cidade, Bagdade. O reino dos Abássidas marca o período em que a civilização islâmica atingiu o seu auge. Os governantes abássidas eram grandes mecenas das artes, das ciências e da filosofia. Foi nesta época que a ciência e a filosofia islâmicas floresceram. Os Abássidas criaram uma cultura intelectual que rivalizava com a Grécia e a Roma clássicas. Com o tempo, ocorreu a descentralização da autoridade central de Bagdade com novos centros de poder e erudição independentes em todo o mundo muçulmano, em que começaram a proliferar as instituições de educação e investigação que rivalizavam entre si. Pessoas sedentas de conhecimento de todo o mundo colhiam os benefícios de centros como Bagdade, Damasco, Bucara, Cairo, Fez, Córdoba, Xiraz, etc. Figuras polímatas como al-Kindy, al-Farabi, Ibn Sina, Ibn Rushd, Ibn al-Haytham, al-Biruni, al-Khawarizmi e muitos outros emergiram como estrelas brilhantes portadoras de novas ideias. Desenvolvia-se no mundo muçulmano, em geral, um grande número de atividades de filosofia, astronomia, medicina, matemática e ciência, conduzidas em arábico, a língua internacional da erudição da época. Foi o período em que se concluiu a codificação da lei islâmica (sharia), iniciada com os Omíadas, e foram criadas as escolas de direito tradicionais tal como hoje existem (sunita, xiita e abadita). Foi igualmente o período em que foram estabelecidas as coleções definitivas e canónicas de hádices de Bukhari, Muslim e outros. Bagdade e Córdoba nos séculos IX e X eram autênticas maravilhas do mundo, cidades altamente civilizadas e polos de atração de mentes intelectuais e cultas. Quando os governantes de

França, Inglaterra ou Itália tinham necessidade de um consultor, de um arquiteto ou mesmo de um músico ou de uma modista, contactavam Bagdade ou Córdoba. As cidades muçulmanas foram construídas com casas e palácios de pedra, havia ruas iluminadas e pavimentadas, água corrente, universidades e bibliotecas, hospitais e farmácias, galerias de arte e banhos públicos. Os muçulmanos da Idade Média já consumiam artigos de higiene pessoal avançados, como sabonetes, produtos cosméticos e perfumes. O período abássida representa, sem dúvida, a «Idade de Ouro» dos muçulmanos em termos de ciência e inovação, elevados níveis de vida e modernidade social.

Todavia, o poder da dinastia abássida começou a diminuir e chegou ao fim em 1517 EC por ação dos otomanos que se apoderaram do califado. O império otomano atingiu o auge no reinado do sultão Solimão, o Magnífico, que governou a partir da antiga cidade bizantina de Constantinopla (a Istambul moderna). Por altura da sua morte, já toda a Síria, o Egito, o Norte de África, a Península Arábica e muitas

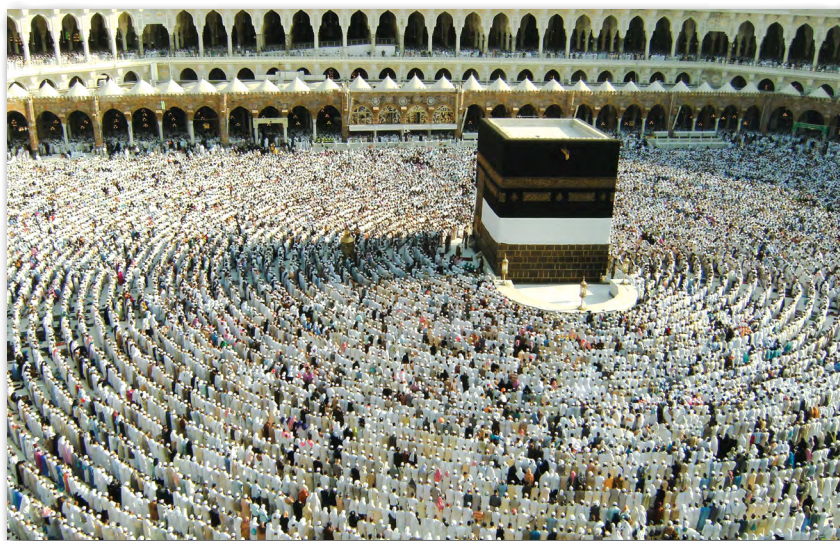


Interior da Mesquita Süleymaniye em Istambul, Turquia

regiões da Europa Oriental se encontravam sob o seu domínio. Os sultões otomanos governavam um imenso império com uma eficiência burocrática soberba, inigualável em qualquer outro Estado do seu tempo. Os sultões não forçaram os diferentes elementos do seu império a adotar uma cultura; eram bastante tolerantes e pluralistas. Os otomanos criaram uma estrutura onde diferentes grupos podiam viver pacificamente juntos, mas cada um seguindo suas próprias crenças, cultura, leis e lealdade aos seus membros e dirigentes. Os governantes otomanos conseguiram estabelecer um império duradouro e bem-sucedido que durou seis séculos. Entre os séculos XVII e XX houve expansão colonial europeia quando mercadores, missionários, soldados e administradores coloniais não muçulmanos passaram a dominar grande parte das terras muçulmanas. Os portugueses, os espanhóis, os holandeses, os ingleses e os franceses desenvolveram impérios coloniais e os chineses e os russos também expandiram os seus territórios para a região maioritariamente muçulmana. Este domínio estrangeiro não só era humilhante para muitos muçulmanos, mas também ameaçava os próprios alicerces da sociedade islâmica, dado que os governantes europeus substituíram as instituições educacionais, jurídicas e governamentais muçulmanas tradicionais por instituições ocidentais. Os europeus minaram a ética religiosa dos territórios muçulmanos, privilegiando a influência cristã, valores culturais seculares e materialistas. No início do século XX, apenas um domínio otomano frágil exerceu o poder até quando foi derrotado e abolido após a Primeira Guerra Mundial. Após o colapso do Império Otomano, foi fundada a atual República Turca com base num modelo secular ao estilo ocidental. Os restantes confederados otomanos conquistaram a independência.

A maioria dos muçulmanos continua a viver no mundo de acordo com a sua própria tradição, apesar de todos os ataques aos seus pontos de vista tradicionais nos tempos modernos. Para compreender o Islão hoje, é importante ter em conta, antes de mais, que a história das diferentes religiões nem sempre segue a mesma trajetória. O cristianismo teve o

movimento da Reforma no século XVI que resultou no protestantismo. O judaísmo também passou por escolas reformistas e conservadoras. O Islão, no entanto, não passou, nem é provável que passe, em qualquer grau apreciável, pelo mesmo tipo de transformação, quer jurídica, quer teologicamente. A sua vida e pensamento religiosos permanecem na sua maior parte dentro do quadro da ortodoxia e da tradição. O modernismo e o chamado fundamentalismo, evidentes em alguns setores da sociedade islâmica e em algumas regiões, causaram o enfraquecimento da vida islâmica tradicional, mas foram incapazes de criar uma visão do mundo teológica ou jurídica que pudesse desafiar a visão tradicional estabelecida no tempo do profeta e no tempo dos quatro califas justamente guiados. A vasta maioria dos muçulmanos ainda pratica os ritos tradicionais descritos anteriormente e o ritmo das suas vidas é pontuado por eventos relacionados com o Islão, na sua aceção tradicional. Além disso, as ciências islâmicas tradicionais do Alcorão, Hádices, da Sharia e outras similares perduram tal como existiram ao longo dos séculos, apesar das devastações infligidas à educação e aos sistemas jurídicos islâmicos tradicionais.



A Kaaba em Meca é a primeira casa construída na Terra para venerar o Deus Único, Alá. (Alcorão 3:96)

O significado e os princípios básicos do Islão

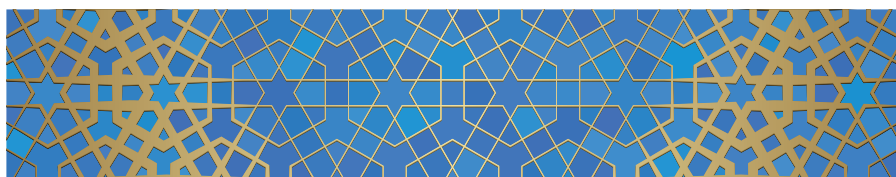
A religião do **Islão** é definida pela crença na Unicidade do Criador, Alá, e pela total aceitação e obediência à Sua Vontade, revelada ao Seu último mensageiro, Maomé, que a paz e a bênção de Alá estejam com ele.

Assim, o Islão significa submissão voluntária, sincera e pacífica à Vontade de Alá. A submissão à Vontade de Alá implica reverência, piedade e devoção ao Criador, e estas são as condições perfeitas para estar em paz com Deus, consigo mesmo, com outras criaturas e com o ambiente. Aqueles que acreditam e se submetem à vontade de Deus, seguindo a religião do Islão, são designados como **muçulmanos**.

O Islão não é uma nova religião. É a mesma religião que foi revelada a todos os profetas de Deus, desde Adão a Noé, Abraão, Ismael, Isaque, assim como Moisés, Jesus e finalmente Maomé, que a paz e a bênção de Alá estejam com eles. Todos estes profetas eram muçulmanos, porque todos veneravam unicamente Deus e se submetiam apenas à Sua Vontade.² Da mesma forma, todos os que seguiram a religião disseminada por todos os profetas de Deus também são designados como muçulmanos. É no contexto desse significado inerente da palavra “Islã” que Allah declara no Alcorão (3:19);

A Religião aos olhos de Deus é a submissão à Sua Vontade (Islão)

O Islão baseia-se em **seis artigos de fé**, (*Imaan*) e em **cinco artigos de religião**, (*Islam*). A fé é aquilo em que se acredita pela convicção e a religião é a afirmação prática dessa fé. O Islão considera a fé como um pré-requisito da religião, porque a fé é o reconhecimento e a aceitação do Criador e da Sua Divindade, Senhorio e o Direito de Servidão (*Uluhiyya, Rububiyyah* e *Ubudiyyah* em arábico).



Os seis artigos de fé

Os artigos de fé são prescritos em vários versículos do Alcorão.³ Por exemplo, no primeiro artigo Alá diz no capítulo 112:



Primeiro artigo:

Crença de que não existe nenhuma divindade merecedora de adoração exceto Alá. Ele é o Criador do universo, o Uno e Único, cujos atributos são únicos e indivisíveis e a Quem não podem associar-se companheiros. Este princípio de crença designa-se como monoteísmo (*At-Tawhid* em árabe).

Importância deste artigo de fé: (a) A Unidade do Criador implica unidade de propósito na criação e, portanto, unidade de religião que é a unidade da forma de viver. A maior parte da humanidade está em desespero espiritual e desarmonia porque lhe falta esta unidade de propósito na vida. (b) Transferir os atributos de Deus para outros seres cria superstições que levam ao medo, à

corrupção e à exploração.

Segundo artigo:

Crença nos Anjos, que são os servos e agentes espirituais de Alá. Ao contrário dos humanos, os anjos são espíritos e não têm corpos físicos. A sua natureza é adorar perpetuamente Alá e cumprir os seus mandamentos.

***Importância deste artigo de fé:** A crença em coisas que estão além da nossa percepção física humana é uma das exigências da fé. Este artigo aumenta ainda mais a capacidade intelectual humana para compreender e apreciar a criação, que transcende a nossa percepção física e abre o caminho para a compreensão e a perspectiva espirituais.*

Terceiro artigo:

Crença em todos os livros ou escrituras divinos que foram revelados aos mensageiros de Alá. Por exemplo, os Salmos (*Zabur* em arábico), o livro revelado a David, a Torá (*At-Taurat* em arábico), o livro revelado a Moisés, o Evangelho (*Al-Injeel* em arábico), o livro revelado a Jesus e o Alcorão, revelado a Maomé, que a paz e a bênção de Alá estejam com todos eles.

***Importância deste artigo de fé:** Este é um princípio lógico porque todas as escrituras vieram do mesmo Criador com os mesmos princípios básicos de fé e ética. A aceitação de uma escritura e a rejeição das outras seria uma contradição. É igualmente inconcebível que o Criador enviasse mensagens diferentes e contraditórias à humanidade. O Alcorão confirma as escrituras anteriores, completa a mensagem de Deus à humanidade e corrige as mudanças feitas pelo homem ao que hoje se presume serem as mensagens de anteriores mensageiros.*

Quarto artigo:

Crença em todos os mensageiros de Alá desde Adão até ao último

mensageiro Maomé, que a paz e a bênção de Alá estejam com eles.

Importância deste artigo de fé: *Este também é um princípio lógico, porque todos os mensageiros vieram do mesmo Criador e transportaram a mesma mensagem básica à humanidade. A aceitação de um mensageiro e a rejeição dos outros não seria apenas uma contradição, mas também criaria divisões na religião de Deus.*

Quinto artigo:

Crença no Dia do Juízo Final. Ao contrário dos anjos, os seres humanos receberam liberdade de escolha: pode-se optar por obedecer aos mandamentos de Alá ou optar por lhes desobedecer. No entanto, essa liberdade é acompanhada de responsabilidade e da prestação de contas a Alá. No Dia do Juízo Final, teremos de prestar contas das escolhas que fizemos nesta vida. Aqueles que fizeram as escolhas certas e seguem a mensagem de Alá irão para o paraíso por toda a eternidade e aqueles que fizeram as escolhas erradas e ignoram a mensagem de Alá irão para o inferno por toda a eternidade.

Importância deste artigo de fé: *Este artigo implica responsabilidade para com Deus e responsabilidade pelas nossas ações neste mundo. O nosso anseio e a nossa esperança na verdadeira justiça e na satisfação eterna serão alcançados quando a verdadeira e absoluta justiça divina for estabelecida no Dia do Juízo Final.*

Sexto artigo:

Crença na determinação e no destino divinos: Tudo o que ocorre na criação (bom, mau ou indiferente) ocorre de acordo com as leis e medidas (*Qadha wa Qadar* em arábico) que são predeterminadas por Alá na Sua infinita sabedoria e conhecimento. Nada na Criação está fora do controle e do governo de Alá por meio destas leis (leis tanto físicas como espirituais) e da justa medida (ou seja, o grau e a extensão). Além disso, Alá não só

possui o controlo absoluto através das Suas leis e medidas, mas também possui o conhecimento absoluto de tudo o que inclui todo o espaço e tempo e registou tudo o que ocorreu no passado, ocorre no presente e ocorrerá no futuro. Lê-se no Alcorão (6:59);

E Ele tem as chaves do Invisível; ninguém sabe delas senão Ele. E Ele sabe o que há na terra e no mar. E nenhuma folha tomba sem que Ele saiba disso, e não há grão algum nas trevas da terra nem algo, úmido nem seco, que não estejam no evidente livro.

O conhecimento absoluto de Alá inclui o fluxo, bem como o refluxo e a maré da vida humana. No entanto, o conhecimento de Alá dos atos humanos antes de sua comissão não força uma pessoa a cometer esses atos, à semelhança dos astrónomos, por exemplo, que podem prever e registar quando um eclipse solar ocorrerá com anos de antecedência usando o seu conhecimento científico. O eclipse solar não ocorre em virtude do seu conhecimento ou previsão. Da mesma forma, Alá porque possui conhecimento infinito (que não é limitado pelo tempo e pelo espaço) sabe o que os humanos farão e regista as suas ações, mas tal não força a pessoa a cometer esse ato.

Por conseguinte, os princípios anteriores não negam a liberdade de escolha dada ao homem; tudo significa simplesmente que as vias e os meios das nossas escolhas (a) seguirão sempre as leis de Alá, (b) as consequências das nossas escolhas estarão de acordo com a medida divina, e (c) Alá tem conhecimento prévio das nossas escolhas e ações, mas nós continuamos a ser responsáveis pelas nossas escolhas.⁴ Além disso, os seres humanos têm a liberdade de escolha e são agentes das suas escolhas e ações, mas não têm poder criativo para empreender as suas escolhas.

Enquanto Allah vos criou e ao que fazeis. (Alcorão 37:96)

Tal significa que, em relação à liberdade de escolha humana, Alá fez da «vontade humana» uma pré-condição da «Vontade Divina» ou iniciação divina de certos atos relativos às ações humanas. Por outras palavras, os seres humanos desejam essas ações e Alá cumpre-as (se decidir cumpri-las). É assim que a «vontade humana» opera no seio da «Vontade Divina» de Alá. É possível dizer que a parte criativa do bem e do mal pertence a Alá, mas o mal é criado como consequência da escolha humana, ou seja, uma consequência de o ser humano não usar ou usar indevidamente a sua vontade independente. Alá cria os atos e as consequências resultantes.

O que quer de bom que te alcance é de Allah, e o que quer de mau que te alcance é de ti mesmo. (Alcorão 4:79)

Da perspetiva de Alá, a criação do mal ou permitir que o mal aconteça não é um mal em si mesmo, mas sim a escolha do mal. Deus não escolhe o mal, mas o ser humano escolhe.

Importância deste artigo de fé: *A crença no controlo e governação absolutos da criação pelo Criador, Alá, afirma a nossa fé na Sua soberania sobre a criação. Com os atributos de misericórdia e desvelo de Alá para com a Sua Criação, este artigo infunde esperança e paz interior e fortalece os corações dos crentes.*

Esses seis princípios de fé iniciam o intelecto humano na compreensão e perceção espirituais. Além disso, definem um «crente» no seu sentido completo; a omissão de qualquer um destes princípios, como crer num profeta e rejeitar os outros, torna uma pessoa num «descrente».



A chamada à oração

Alá é o maior, Alá é o maior,

Alá é o maior, Alá é o maior,

*Eu testemunho que não existe
nenhuma divindade merecedora
de adoração exceto Alá,*

*Eu testemunho que não existe
nenhuma divindade merecedora
de adoração exceto Alá,*

*Eu testemunho que Maomé é o
mensageiro de Alá,*

*Eu testemunho que Maomé é o
mensageiro de Alá,*

Vinde à oração, vinde à oração,

Vinde ao sucesso, vinde ao sucesso,

Alá é o maior, Alá é o maior

*Não existe nenhuma divindade
merecedora de adoração exceto Alá*

*A chamada à oração convida as pessoas
ao sucesso eterno. É uma lembrança
constante à humanidade de que não
existe nenhuma divindade merecedora
de adoração exceto Alá e Maomé, que a
paz e a bênção de Alá estejam com ele, é o
mensageiro de Alá.*

Os cinco artigos de religião

Os cinco artigos de religião são prescritos em vários versículos do Alcorão.⁵ Por exemplo, em relação ao primeiro artigo, Alá diz no Alcorão 49:15,



Primeiro artigo:

A declaração no coração e na mente de que não há divindade merecedora de adoração exceto Alá e que Maomé é o mensageiro de Alá. Esta declaração afirma a crença na Unicidade do Criador (monoteísmo) e que o profeta Maomé, que a paz e a bênção de Alá estejam com ele, é o último e derradeiro mensageiro de Alá. É chamada a *shahadah*, uma palavra arábica que significa testemunhar, aguardar e estabelecer a verdade declarada.

Tendo declarado a sua fé, o muçulmano é obrigado a cumprir na prática os seguintes artigos como uma afirmação prática dessa fé.

Segundo artigo:

A realização de orações rituais a Alá cinco vezes por dia (*Salah* em árabe); ao amanhecer, ao meio-dia, ao fim da tarde, depois do pôr do sol e à noite. As orações são uma comunicação direta com Alá, sem um intermediário, e envolvem a glorificação e louvor de Alá, assim como as nossas súplicas a Alá.

Importância deste artigo de religião: *Alá descreve as orações como uma evocação, bem como uma proteção contra a desobediência a Ele (Alcorão 20:14 e 29:45). Assim, as orações regulares ajudam-nos a desenvolver e a manter a consciência de Deus (taqwa em árabe)⁶.*

Terceiro artigo:

Ser caridoso para com os pobres e os necessitados (*Zakah* em árabe). Um muçulmano é forçado a pagar o equivalente a 2,5% da riqueza pessoal que não utilizou durante o ano anterior, como economias em dinheiro, prata e ouro. As doações caritativas também são obrigatórias em produtos agrícolas, quotas de mercado e assim por diante.

Importância deste artigo de religião: *A instituição da Zakah garante que a riqueza seja partilhada na sociedade, eliminando assim a pobreza, a inveja e a amargura na sociedade. A palavra «Zakah» significa «purificar», assim, pela graça de Alá, purifica a nossa riqueza e as nossas almas.*

Quarto artigo:

Jejum do amanhecer ao pôr do sol no mês do *Ramadhan*, o nono mês do calendário lunar islâmico. Durante o dia um muçulmano deve abster-se de comer, beber e praticar atividades sexuais, bem como abster-se de tudo o que é proibido na religião, como a calúnia, os falsos testemunhos e assim por diante.

Importância deste artigo de religião: O jejum é uma prática que ajuda a desenvolver e a fortalecer a força de vontade, a paciência e, em última instância, a fé e a consciência de Deus (taqwa). Também nos ajuda a lembrar as pessoas que são menos afortunadas do que nós; as pessoas que dificilmente podem pagar uma refeição por dia.

Quinto artigo:

Peregrinação a Meca (*Hajj* em arábico), uma vez na vida para aqueles que têm os meios financeiros e físicos para o fazer.



A Estação de Abraão (Maqam Ibrahim) em Meca, onde Abraão, que a paz esteja com ele, ficou enquanto construía a Kaaba

Importância deste artigo de religião: A peregrinação é uma grande assembleia anual de muçulmanos de todo o mundo. É uma afirmação e uma demonstração da unidade da humanidade e da unidade da religião; Deus é Uno, a humanidade é una e a sua religião é una. A peregrinação é uma forma de adoração e glorificação de Alá, além de ser uma comemoração do culto e dos sacrifícios do profeta Abraão e do seu filho Ismael, que a paz e a bênção de Alá estejam com eles.



Estes princípios de religião separam o coração e a mente dos muçulmanos das necessidades físicas e do materialismo com vista à consciência e ao desenvolvimento espirituais. Por outras palavras, elevam-nos da dimensão material para a dimensão espiritual da nossa existência, onde estamos constantemente conscientes do Criador, do nosso dever para com Ele e da obrigação de Lhe prestar contas, bem como da nossa responsabilidade para com a humanidade.



Uma vista do minarete na Grande Mesquita do Sultão Qaboos em Mascate, Omã. No passado, os minaretes providenciavam um lugar alto, do qual eram efetuadas as chamadas à oração. Hoje representam um estilo arquitetónico que identifica uma mesquita.

A natureza e os atributos de Alá – O Criador

Assim como cada pessoa tem um nome, também o Criador e o Senhor do Universo são conhecidos pelo Seu nome **pessoal** de «Alá». É um nome único sem género, plural ou derivativos. Alá não é homem nem mulher. Não deriva de um pai e/ou de uma mãe. Não tem duplicado ou réplica, nem igual ou paralelo. O seu estatuto é tão puro e indiviso que é o Único digno do nome de *AL-Wahid*, o Uno e Único. Alá é único. Assim:

1. A Alá pertencem (a) atributos únicos de transcendência, tais como a Sua existência Independente, autossubsistência, Ele não tem princípio nem fim, e assim por diante, (b) atributos únicos de incomparabilidade que abrangem a Sua natureza e capacidades absolutas, por exemplo, Ele é diferente da criação, é o eterno vivente e o doador de vida, é o audiente e o clarividente e o viabilizador destas faculdades, Ele é Todo-Poderoso e capaz de impor a Sua vontade e assim por diante. Todos estes atributos são únicos e não são partilhados por nenhum outro ser.
2. A Alá pertencem os muitos nomes belos que derivam dos Seus atributos. Estes nomes incluem o Mais Misericordioso, o Clemente, o Sempre Compassivo, o Omnisciente e assim por diante.
3. A Divindade, o Senhorio e o Direito de Servidão de Alá (*Ulubiyah*, *Rububiyah* e *Ubudiyah* em arábico) não podem ser partilhados com nenhum outro ser.
4. Com esta Glória Divina, o nome Alá significa Aquele a quem são devidos a nossa obediência e amor absolutos e de quem a nossa proteção e refúgio absolutos derivam.

Assim, o significado do nome de Alá define o verdadeiro **monoteísmo**. Além disso, este intenso significado do Seu nome torna a palavra «Deus» inadequada para descrevê-Lo, embora na literatura islâmica as duas

palavras sejam usadas com frequência como sinónimos.

O facto de Alá ser o Originador e Sustentador do Universo e de todas as criaturas nele exige a nossa fé Nele e a nossa obediência a Ele como uma afirmação da nossa gratidão para com Ele. Negar a natureza, os atributos e os nomes de Alá ou associá-los a qualquer outro ser (chamado *Shirk* em arábico) é uma grande ingratidão para com Ele e, portanto, constitui o pecado mais grave que Alá nunca perdoará, a menos que a pessoa se arrependa. Alá afirma no Alcorão (4:48);

Por certo, Allah não perdoa que Lhe associem outra divindade, e perdoa tudo o que for, afora isso, a quem quer. E quem associa a Allah, com efeito, forjará formidável pecado.



A Mesquita-Catedral de Córdoba, também conhecida como a Grande Mesquita de Córdoba e a Mesquita, cujo nome eclesiástico é a Catedral de Nossa Senhora da Assunção, é a catedral católica da diocese de Córdoba. A estrutura é considerada como um dos monumentos mais representativos da arquitetura mourisca.

O profeta Maomé – A sua vida e personalidade

Maomé, a paz e a bênção de Alá estejam com ele, foi um profeta de Alá para toda a humanidade. Antes do profeta Maomé, Alá enviou muitos outros profetas como Noé, Abraão, Moisés e Jesus, a paz e a bênção de Alá estejam com eles. Cada profeta foi enviado para uma nação específica e por um período específico. Os muçulmanos acreditam, honram e respeitam todos os profetas de Alá. O profeta Maomé é muito estimado pelos muçulmanos porque é o último dos profetas enviados a toda a humanidade para transmitir uma mensagem universal que é sempre viva e pura.⁷

A sua linhagem

O profeta Maomé era um árabe e um descendente de Ismael, filho de Abraão. Pertencia ao respeitável clã de Banu Haxim, um dos clãs da dominante tribo coraixita em Meca.

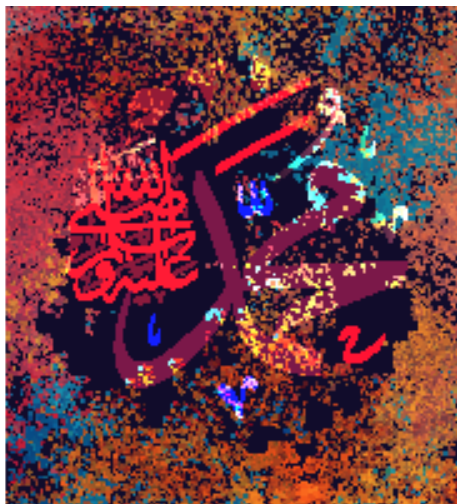
O seu nascimento

O profeta Maomé nasceu em Meca no ano de 570 EC, aproximadamente seis séculos depois de Jesus. Os seus pais eram de descendência nobre e eram parentes. O pai era Abdalá, filho de Abd al-Muttalib, filho de Haxim, filho de Abd al-Manaf, filho de Qussay, filho de Kilaab, filho de Murrah. A mãe era Amina, filha de Wahab, filho de Abd al-Manaf, filho de Zuhrah, filho de Kilaab, filho de Murrah.

O pai do profeta Maomé morreu antes de ele nascer e a mãe morreu quando Maomé tinha apenas seis anos de idade. Foi criado pelo avô, Abd al-Muttalib. Dois anos mais tarde, ficou à guarda do tio Abu Talib, que se tornara o chefe do clã de Banu Haxim depois da morte de Abd al-Muttalib.

A sua personalidade e carácter

Antes de se tornar profeta, Maomé, que a paz e a bênção de Alá estejam com ele, cresceu como uma pessoa simples e virtuosa com um forte carácter moral. Era iletrado e nunca adorava ídolos, quando a idolatria era a prática do seu povo. Em vez disso, costumava retirar-se durante dias numa gruta fora de Meca para meditar sobre o Criador e a criação.



Maomé, que a paz e a bênção de Alá estejam com ele

Era conhecido como «o verdadeiro e o leal» (em arábico *As-Saadiqul-Ameen*) e era extremamente honesto. Muitas pessoas confiaram-lhe os seus bens para fins de negócio ou custódia.

O profeta Maomé cuidou do seu povo protegendo os pobres e os desfavorecidos e envolvendo-se numa aliança para protegê-lo e ajudá-lo.

A revelação

Foi durante um dos seus retiros na gruta que o profeta Maomé recebeu a primeira revelação de Alá através do Anjo Gabriel:

Lê, em nome de teu Senhor, que criou Que criou o ser humano de uma aderência. Lê, e teu Senhor é O mais Generoso. Que ensinou a escrever com o cálamo. Ensinou ao ser humano o que ele não sabia (Alcorão, 96:1-5).

Esta revelação foi recebida no ano de 610 EC, quando Maomé, que a paz e a bênção de Alá estejam com ele, tinha 40 anos de idade.

É importante notar que esta primeira revelação aponta para o conhecimento e a razão como base para a proclamação da fé e, na verdade, como a base da própria fé.

As revelações através do Anjo Gabriel continuaram nos 23 anos seguintes da vida do profeta. Durante os primeiros 13 anos, proclamou a mensagem do Islão em Meca, onde enfrentou, juntamente com os seus seguidores, uma grande oposição e perseguição. Mas em 622 EC, devido à perseguição persistente e intensificada, o profeta e os seus seguidores foram forçados a emigrar para Medina, uma cidade localizada a cerca de 400 km a norte de Meca. O povo de Medina recebeu-os com honra e extrema generosidade. O profeta continuou a receber e a proclamar a mensagem de Alá em Medina durante os 10 anos seguintes, onde também iniciou a fundação do Estado islâmico.

A sua morte

No ano de 632 EC, com a idade de 63 anos, o profeta Maomé morreu após uma breve doença e foi enterrado em Medina, na casa da mulher Aixa, que esteja na graça de Alá.

Então, confia em Allah. Por certo, tu estás fundado sobre a evidente Verdade (Alcorão 27:79)

فَتَوَكَّلْ عَلَى اللَّهِ
 إِنَّكَ عَلَى الْحَقِّ الْمُبِينِ

A autenticidade do profeta

Ao longo da história da humanidade, as credenciais de todos os profetas de Deus foram sempre questionadas e o profeta Maomé não é exceção. O Alcorão diz-nos que as credenciais dos profetas de Deus residem no seu nobre carácter pessoal e na verdade convincente da mensagem que trazem do seu Senhor. Em relação ao profeta Maomé, há quatro argumentos que sustentam a sua autenticidade.

Primeiro argumento

Como vimos na secção 4, o profeta Maomé era um homem de elevadíssima integridade e muito respeitado pelo seu povo. Era inclusivamente conhecido por um dos seus epítetos «*o verdadeiro e o leal*». O profeta iniciou a sua missão profética aos quarenta anos de idade. Desafia toda a lógica e razão imaginar que um homem de tão nobre carácter pudesse de repente, numa idade avançada, tornar-se um mentiroso e um impostor.

Podemos argumentar que talvez ele quisesse melhorar o seu estatuto social. Mas ele já era uma pessoa altamente respeitada que pertencia à tribo mais poderosa e respeitada dos coraixitas em Meca. De facto, no início da sua missão profética, foi-lhe oferecida uma posição de chefia a fim de dissuadi-lo de proclamar a mensagem profética e ele recusou categoricamente.⁸ Trata-se da prova de que não o animava a ambição de estatuto social.

Segundo argumento

Os mensageiros de Deus são apoiados por uma mensagem divina que lhes é revelada. O profeta Maomé foi corroborado pelo Alcorão. Conforme demonstrado na secção 7, o Alcorão não podia ter sido escrito pelo profeta; é, sem dúvida, uma revelação divina. Com efeito, a humanidade foi desafiada no próprio Alcorão a produzir algo de semelhante, caso alguém pense que foi o profeta que o escreveu. Afinal de contas, como

mencionado anteriormente, o profeta não era uma pessoa erudita que pudesse escrever tal livro. O Alcorão é uma credencial viva da autenticidade do profeta e é, na verdade, o único milagre reivindicado pelo profeta.⁹

Terceiro argumento

O profeta Maomé iniciou um movimento que transformou positivamente a civilização humana de forma mais abrangente e rápida do que qualquer outro movimento na história humana. Além disso, nenhuma religião teve uma influência mais duradoura na civilização humana e no desenvolvimento do que o Islão. Essa transformação rápida e duradoura da civilização humana não podia ter sido alcançada por um movimento chefiado por um impostor. Mais uma vez, tal pensamento desafia toda a lógica e razão.

Quarto argumento

O profeta Maomé foi anunciado nas escrituras das principais religiões: o judaísmo, o cristianismo, o hinduísmo e o budismo.

O Alcorão diz-nos que o profeta Maomé foi anunciado tanto nas escrituras judaicas como nas escrituras cristãs.

*“Os que seguem o Mensageiro, O Profeta iletrado — que eles encontram escrito junto deles, na Tora e no Evangelho.
(Alcorão 7:157)*

No Deuteronómio 18:18, lê-se:

Eis lhes suscitarei um profeta do meio dos seus irmãos, como tu, e porei as minhas palavras na sua boca, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar.

Não há profeta que tenha vindo depois de Moisés e se enquadre neste versículo do Antigo Testamento, exceto o profeta Maomé: **Em primeiro**

lugar, os irmãos dos judeus são os árabes. Os filhos de Israel descendem de Isaque e a raça árabe descende de Ismael. Isaque e Ismael são os filhos de Abraão e, portanto, os seus descendentes são irmãos. **Em segundo lugar**, Maomé é semelhante a Moisés, enquanto Jesus não é: (1) Tanto Moisés como Maomé tiveram pai e mãe. Jesus só teve mãe e não teve pai. (2) Tanto Moisés como Maomé foram naturalmente concebidos no ventre das suas mães. Jesus foi concebido no ventre da sua mãe graças a um milagre. (3) Moisés e Maomé casaram-se e tiveram filhos, ao contrário de Jesus. (4) Moisés e Maomé introduziram novas leis e regulamentos para o seu povo, ao contrário de Jesus. (5) Moisés e Maomé tiveram uma morte natural. Tanto na crença islâmica como na cristã, Jesus não partiu deste mundo de forma natural. **Em terceiro lugar**, como o Alcorão também nos diz (53:3-4), o profeta Maomé não falou por si, sendo as suas palavras uma revelação ou inspiração direta de Deus.

No Novo Testamento, podemos ler no Evangelho segundo S. João:

Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. (João 16:12-14)

Esses versículos falam mais uma vez do «Espírito de verdade» que não falará de si mesmo. O Espírito de verdade não pode ser o Espírito Santo, porque o Espírito Santo já estava com Jesus (Lucas 4:1 e 3:22, João 20:22, Atos 2:4, etc). Além disso, este Espírito de verdade glorificará a Jesus. Nenhum profeta veio após Jesus e o glorificou, exceto Maomé (ver secção 11). Não há dúvida de que o «espírito de verdade» que viria depois de Jesus era Maomé, que a paz esteja com todos eles.



Linha do horizonte de minaretes de Istambul, zona asiática da cidade

Além disso, na Bíblia, o profeta Maomé é anunciado em Isaías 29:12, João 14:16, João 16:7, Mateus 21:43 e Atos 3:22. Note-se que a palavra «Consolador» mencionada nestes versículos bíblicos é uma tradução da palavra grega «*Paracletos*». Esta palavra é uma corruptela da palavra grega original «*Perichlytos*», que se traduz como «o louvado» ou «Ahmad» ou «Maomé» em arábico.¹⁰

Um estudo cuidadoso e imparcial mostra igualmente que o profeta Maomé foi anunciado nas escrituras hindus e budistas. No seu livro intitulado «*Maomé nas Escrituras Hindus*», o Dr. Ved Prakash Upaddhay descobriu nas escrituras hindus muitas referências ao profeta. Os Vedas falam de um sábio vindouro cuja descrição corresponde à do profeta Maomé. A sua descrição, originalmente em sânscrito, inclui:

1. *Narashagsa*, que se traduz como «o louvado». Este é o significado dos dois nomes do profeta, Ahmed e Maomé. Além disso, o local de nascimento e as qualidades de *Narashagsa* correspondem exatamente aos do profeta.
2. *Antim Rishi* ou «o Sábio Final». O profeta Maomé foi o último mensageiro para a humanidade.

3. *Kalki Avatar*, ou seja, o Sábio que virá na última geração. O profeta Maomé foi enviado como o último mensageiro para toda a humanidade.
4. *Kauram*, que significa um emigrante. O profeta Maomé era um emigrante em Medina (ver a secção 4).
5. O pai é mencionado como «Vaishnuvesh», que significa «*escravo de Deus*» e a mãe como «Sumati», que significa «*paz*». Estes dois nomes correspondem a «*Abdallah*» e «*Amna*» em arábico, que são os nomes do pai e da mãe do profeta.
6. O nome do sábio vindouro é *Mamaha*. Esta não é uma palavra sânscrita, mas parece ser a forma sânscrita do nome arábico Maomé.

Na escritura budista, Gautama Buddha profetizou a vinda de *Antim Buddha* ou do Sábio Supremo, cujo nome será Maitreya. (*Evangelho de Buda* de Carus, página 217). A descrição de Maitreya enquadra-se na descrição do profeta Maomé:

1. O profeta Maomé foi o último mensageiro, o Sábio Supremo.
2. Maitreya significa «o Misericordioso». O profeta Maomé é descrito no Alcorão (21:07) como sendo «*misericordioso*» para com todas as pessoas do mundo.
3. Maitreya terá todas as características de um Buda: Será oriundo de uma família aristocrática, retirar-se-á para uma gruta e será visitado por anjos, terá esposas e filhos, trabalhará para viver e completará a sua vida normal, ou seja, morrerá de morte natural. Toda esta descrição corresponde ao profeta Maomé.
4. Maitreya será um governante. Maomé não foi apenas um profeta, mas também o governante da nação muçulmana.

5. Maitreya falará dos Budas anteriores. Maomé falou extensivamente sobre os mensageiros precedentes. O Alcorão menciona as histórias de vinte e cinco profetas que vieram antes do profeta Maomé.
6. Maitreya não terá um professor no mundo. O profeta Maomé era iletrado e não teve um professor terreno. Todo o seu conhecimento veio por revelação de Deus.

Resumindo, as credenciais do profeta residem no seu nobre carácter, na mensagem que transmitiu, na transformação contínua da civilização humana gerada pelo seu movimento e nas profecias sobre a sua vinda que figuram nas escrituras das principais religiões.



A Mesquita do Profeta em Medina (Masjid Al-Nabawi). A mesquita foi construída pelo profeta no ano 622 EC num terreno adjacente à sua casa. Depois de muitas obras de extensão ao longo dos anos, hoje é uma das maiores mesquitas do mundo e a segunda mesquita mais sagrada depois da grande mesquita de Meca (Masjid Al-Haraam).

A história e a mensagem do Alcorão

O Alcorão é a escritura que foi revelada por Alá ao profeta Maomé, que a paz e a bênção de Alá estejam com ele, através de Seu Anjo Gabriel. É a última das revelações de Alá a toda a humanidade até ao final dos tempos. O Alcorão foi revelado para completar a mensagem de Alá à humanidade, confirmar as revelações anteriores e corrigir as mudanças e alterações contidas nos vestígios existentes das escrituras anteriores.¹¹

A sua revelação

O Alcorão foi revelado em etapas na língua arábica durante um período de 23 anos, de 610 a 632 EC. Esta revelação gradual ao profeta prestou orientações progressivas aos crentes tal como exigiam as circunstâncias específicas. Também garantiu a efetiva assimilação e aplicação das leis de Alá na vida dos crentes.

O seu registo e preservação

Quando o profeta recebeu as revelações, instruiu os seus escribas a que anotassem as revelações sob as suas instruções e supervisão. Ao mesmo tempo, o profeta e muitos dos seus companheiros, homens e mulheres, memorizaram as revelações à medida que eram reveladas. Desta forma, o Alcorão foi escrito e memorizado por crentes do sexo masculino e feminino durante a vida do profeta. Esta prática de memorizar o Alcorão continua até aos dias de hoje. Em qualquer momento da história do Islão, há milhões de muçulmanos que memorizaram o Alcorão inteiro no seu texto original e intocado. Hoje, estima-se que existem mais de vinte milhões de muçulmanos que memorizaram todo o Alcorão e muitos milhões que memorizaram partes do Alcorão.

O seu conteúdo e temas gerais

O Alcorão é composto por 114 capítulos. O número de versículos em cada capítulo varia entre 3 (capítulos 103 e 108) e 286 versículos (capítulo

2). O Alcorão é um livro de orientação, de advertência e de boas novas, bem como uma narração das nações passadas e dos seus profetas. Em geral, abrange quatro temas:

Em primeiro lugar, fala-nos de Alá, da Sua natureza e atributos. Por exemplo, vimos que o capítulo 112 na secção 2 descreve a Sua unicidade (*Tawheed*) e os Seus atributos únicos que **não são partilhados** por nenhum outro ser. O versículo seguinte, conhecido como «o versículo do trono» (*Ayatul Kursi* em árabe) é outro exemplo que descreve os atributos de Alá;



Allah, não existe deus senão Ele, O Vivente, Aquele que subsiste por Si mesmo. Não O tomam nem sonolência nem sono. DEle é o que há nos céus e o que há na terra. Quem intercederá junto dEle senão com Sua permissão? Ele sabe seu passado e seu futuro. E nada abarcam de Sua ciência senão aquilo que Ele quer. Seu Trono abrange os céus e a terra. E não O afadiga custodiá-los. E Ele é O Altíssimo, O Magnífico. (Alcorão 2:255)

Em segundo lugar, descreve primeiro a nossa relação com Alá, a razão por que nos criou e qual é o nosso dever para com Ele. Por exemplo, Alá afirma no Alcorão 51:56:

E não criei os jinns e os humanos senão para Me adorarem.

Aqui a palavra «adoração» tem o sentido de servir o Criador e de viver de acordo com os Seus mandamentos. Em seguida, o Alcorão descreve o nosso relacionamento com o resto da criação; os anjos, os génios, o mundo animal e o resto do mundo físico, bem como a sua relevância e interação com a nossa existência.¹²

Em terceiro lugar, presta orientação na forma de leis e diretrizes e estabelece padrões de moralidade e bom viver: como devemos adorar Alá e como devemos conduzir as nossas vidas. Promete felicidade eterna para aqueles que seguem a orientação e o tormento eterno para aqueles que rejeitam a orientação.¹³

Finalmente, o Alcorão diz-nos que todas as nações receberam orientação através de profetas. Por exemplo, Alá diz em 10:47:

E, para cada comunidade, há um Mensageiro. Entao, quando chegar seu Mensageiro, arbitrar-se-á, entre eles, com equidade, e eles não sofrerão injustiça.

Assim, como uma lição para a humanidade, o Alcorão narra histórias sobre a forma como Alá lidou com as nações do passado. Por exemplo, fala-nos sobre a luta do profeta Noé com o seu povo e o subsequente dilúvio. Fala-nos sobre a luta do profeta Moisés com o seu povo e com o faraó. Depois, há «a melhor de todas as histórias», a história da vida do profeta José. No total, o Alcorão narra as histórias de 25 profetas de entre milhares que Alá enviou à humanidade ao longo dos tempos.¹⁴



A recitação do Alcorão é um ato de adoração no Islão. Assim, o Alcorão é hoje o livro mais lido do mundo.

Compatibilidade do Alcorão com as ciências modernas

O Alcorão foi revelado há mais de catorze séculos. No entanto, nele encontramos muitos factos científicos que as ciências modernas apenas descobriram em tempos recentes. Estes factos abrangem muitos domínios das ciências naturais, incluindo a astronomia, a geologia, a física, a biologia, a botânica, a zoologia e outros. Examinemos alguns exemplos.

Criação do Universo

Alá afirma no Alcorão (21:30):

E os que renegam a Fé não viram que os céus e a terra eram um todo compacto, e Nós desagregamo-los, e fizemos da água toda coisa viva? - Então, não crêem?

Mais adiante, no capítulo 51, versículo 47, Alá afirma:

E o céu, edificamo-lo com vigor, e, por certo, somos Nós Que o estamos ampliando.

Estes versículos estão de acordo com o conhecimento moderno de que o Universo começou como uma unidade gasosa que explodiu para formar as galáxias. Este processo é conhecido como a teoria do Big Bang. Além disso, a ciência moderna confirma que o nosso Universo continua a expandir-se desde essa primeira explosão.



Galáxia de Andrómeda, um dos milhares de milhões de galáxias na criação de Alá. Foi descoberta pelo astrónomo persa Abd al-Rahman al-Sufi em 964 EC

Desenvolvimento do embrião

O desenvolvimento do bebé nos estágios embrionários é descrito no Alcorão em vários pontos; por exemplo:

E, com efeito, criamos o ser humano da quintessência de barro, Em seguida, fizemo-lo gota seminal, em lugar estável, seguro. Depois, criamos, da gota seminal, uma aderência; e criamos, da aderência, embrião; e criamos, do embrião, ossos; e revestimos os ossos de carne; em seguida, fizemolo surgir em criatura outra. - Então, Bendito seja Allah, O Melhor dos criadores! (Alcorão 23: 12–14).

Estes versículos descrevem graficamente e com exatidão o desenvolvimento do embrião desde o seu início, com palavras arábicas precisas. Primeiro, o óvulo fertilizado desenvolve-se num coágulo de sangue solidificado (*'alaqah*), e em seguida desenvolve-se num torrão (*mudghah*). Seguidamente, os ossos começam a desenvolver-se no torrão e, por fim, a carne começa a crescer em redor dos ossos. É assim que o Alcorão descreve o desenvolvimento do bebé.

As duas palavras arábicas utilizadas no versículo, *'alaqah* and *mudghah*, são muito significativas na sua precisão.

Além de sangue coagulado, *'Alaqah* também significa «algo que adere» e «uma substância semelhante a uma sanguessuga». Se examinarmos o embrião nos estágios iniciais, descobrimos que se agarra à parede do útero e não está a flutuar. Tem também a aparência de uma sanguessuga. Uma sanguessuga é uma criatura que se cola à pele e suga o sangue de um animal. O feto também se alimenta do sangue da mãe através da placenta.

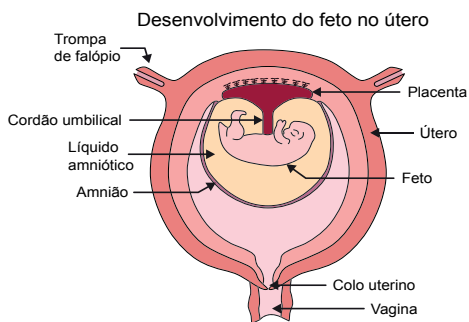
O *'alaqah* transforma-se então em *mudghah*, que significa «um pedaço de carne mastigado». Se examinarmos o embrião um estágio após o *'alaqah*, vemos que se parece com uma pastilha elástica mastigada com marcas de dentes.

Esta descrição pictórica do desenvolvimento do embrião apresentada no Alcorão no século ^{VII} é extraordinária. Os cientistas só foram capazes de confirmar estas formas após a invenção do equipamento de imagem no século ^{XIX}.

Outro ponto interessante mencionado no Alcorão é que o feto está protegido por três véus de escuridão. No versículo 39:6 do Alcorão, Alá afirma:

Ele vos cria, nos ventres de vossas mães, criação após criação, em trevas tríplexes.

Graças à tecnologia moderna, hoje sabemos que o feto é protegido, em primeiro lugar, pela parede abdominal da mãe, em segundo lugar pela parede uterina e, em terceiro lugar, pela membrana amnio-coriónica. Estes são os três véus, demonstrando mais uma vez a precisão das declarações do Alcorão.



A imagem à esquerda mostra o embrião no estágio «mudgha», que se parece muito com uma pastilha elástica mastigada. A imagem à direita mostra o embrião no útero agarrado à parede do útero e protegido por três camadas.

A função das montanhas

Nós vemos as montanhas como ondulações extremamente impressionantes e pitorescas na superfície da Terra. Mas, na verdade, elas cumprem um papel crucial na manutenção da estabilidade da crosta terrestre. Por baixo da crosta terrestre há uma camada menos densa e bastante fluida, pelo que a crosta precisa de algo que a mantenha no lugar e lhe confira estabilidade. Os cientistas descobriram que o que mantém a crosta terrestre estável são as montanhas, que têm picos acima da crosta terrestre e raízes por baixo desta. Assim, as montanhas atuam como estacas.

Alá afirma no Alcorão (21:31):

E fizemos, na terra, assentes montanhas, para que ela se não abalasse com eles.

E no capítulo 78, versículos 6 e 7, Alá afirma:

Não fizemos da terra leito? E das montanhas estacas?

Estes versículos sobre a função das montanhas estão perfeitamente de acordo com os conhecimentos científicos modernos. A ideia de que as montanhas têm raízes foi teorizada em 1865 e o conhecimento de que essas raízes estabilizam a crosta terrestre foi desenvolvido no final do século XX.¹⁵

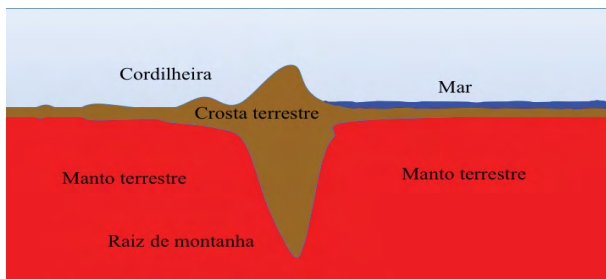


Ilustração que mostra a montanha com uma raiz profunda no manto da terra.

A água é vida

É do conhecimento comum que a água é a fonte da vida; no entanto, o Alcorão vai ainda mais longe, afirmando categoricamente que todos os seres vivos são, na realidade, feitos de água. Além do versículo 21:30 acima citado, lê-se no versículo 25:54:

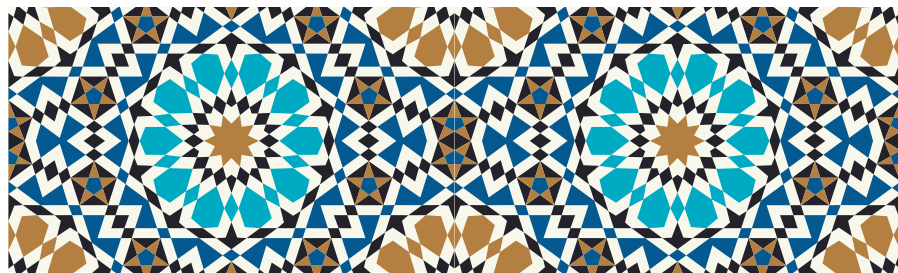
E Ele é Quem cria da água um ser humano e faz dele parentes sanguíneos e parentes afins. E teu Senhor é Onipotente.

Hoje é um facto bem estabelecido que 80% de uma célula viva é feita de água e que todos os organismos vivos consistem pelo menos em 50% de água. Além disso, como todos sabemos, todos os seres vivos necessitam de água para subsistir.



A água é vida: O padrão climático global em transformação e a resultante escassez de chuva estão a acabar com a vida animal e vegetal em muitas regiões do mundo.

As declarações científicas anteriores são apenas algumas das muitas declarações encontradas no Alcorão, reveladas há mais de 1400 anos, quando as pessoas sabiam muito pouco sobre astronomia, física ou biologia. Estão em completo acordo com as ciências modernas, embora muitas delas tenham sido avançadas apenas no século passado, graças aos avanços do conhecimento científico.¹⁶



A autenticidade do Alcorão

O Alcorão é verdadeiramente uma revelação de Deus? Esta é uma questão legítima porque no mundo de hoje existem muitas escrituras que se contradizem, embora todas aleguem ser de Deus. Como extensão desta pergunta, algumas pessoas poderão perguntar: Como podemos ter a certeza de que o Alcorão não foi alterado ao longo do tempo?

As respostas a estas perguntas encontram-se no próprio Alcorão, que oferece três critérios para a verdade.

O primeiro critério

Uma revelação verdadeira de Deus é inteiramente consistente e isenta de contradições. Alá afirma no Alcorão 4:82:

E não ponderam eles o Alcorão? E, fosse vindo de outro que Allah, encontrariam nele muitas discrepâncias.

Qualquer escritura que contenha contradições ou erros não pode ser de Deus. O Alcorão está isento de discrepâncias ou contradições. Isto também confirma que não foi alterado ao longo do tempo por nenhuma mão humana. As aparentes contradições que são frequentemente citadas por alguns críticos do Alcorão devem-se à falta de conhecimento adequado da língua arábica do Alcorão e do contexto em que os versículos específicos foram revelados.

O segundo critério

Uma verdadeira revelação de Deus excede a capacidade humana de satisfazer integralmente as necessidades humanas na legislação, nos valores morais e na orientação espiritual, bem como na força do argumento, da razão, da eloquência e do estilo. A esse respeito, Alá desafiou a humanidade a produzir um livro semelhante ao Alcorão. No versículo 2:23-24, Alá desafia os descrentes:

E, se estais em dúvida acerca do que fizemos descer sobre Nosso servo, fazei vir uma sura igual à dele, e convocai vossas testemunhas, em vez de Allah, se sois verídicos. E, se o não fizerdes - e o não fareis - guardai-vos do Fogo, cujo combustível são os homens e as pedras. O qual é preparado para os renegadores da Fé.

Alá reitera este desafio no versículo 17:88:

Dize: “Se os humanos e os jinns se juntassem, para fazer vir algo igual a este Alcorão, não fariam vir nada igual a ele ainda que uns deles fossem coadjuutores dos outros.

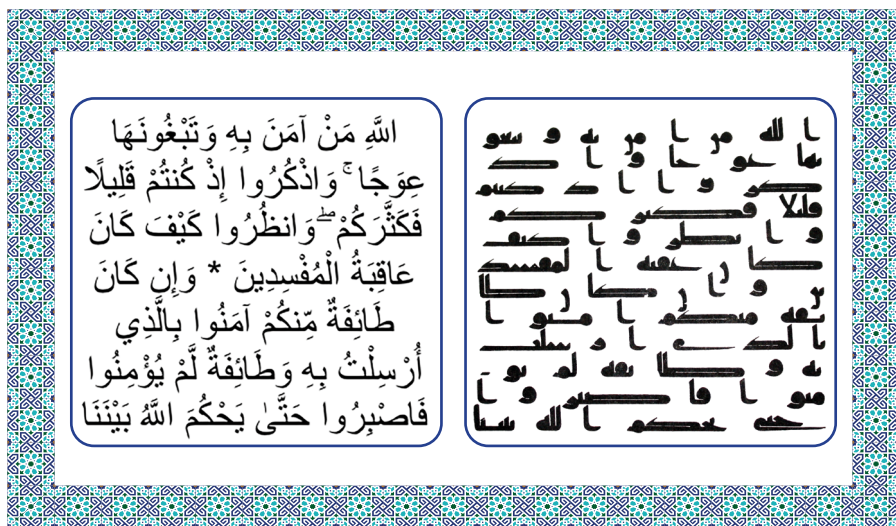
Somente o Criador Omnisciente pode lançar este desafio. Nenhum ser humano pode escrever um livro e alegar depois que ninguém mais é capaz de escrever um livro semelhante, agora ou no futuro. Além disso, se o Alcorão tivesse sido alterado por seres humanos ao longo dos tempos, as pessoas teriam sido capazes de produzir um livro que se lhe assemelhasse. Este desafio é tão válido hoje como nos últimos 1400 anos.

O terceiro critério

Uma revelação de Deus deve resistir aos desafios do tempo e permanecer relevante à medida que o conhecimento humano progride e as necessidades humanas mudam e se desenvolvem. Os princípios do Alcorão de lei e justiça, economia, sistemas sociais e valores morais são tão relevantes hoje como foram há 1400 anos, quando o Alcorão foi revelado. Além disso, como demonstra a secção 6, o Alcorão é completamente compatível com todos os aspetos do conhecimento moderno nas ciências naturais.

Se o Alcorão tivesse provindo de outro que não Deus ou tivesse sido alterado, a sua relevância teria sido comprometida ao longo do tempo. O Alcorão é eternamente relevante em todos os aspetos do conhecimento e das necessidades humanas.

Estes critérios, juntamente com as demais revelações do Alcorão, que exercem uma influência intensa e de longo alcance sobre as necessidades e a orientação humanas, demonstram e comprovam a natureza milagrosa do Alcorão. É, de facto, o único milagre reivindicado pelo profeta Maomé, que a paz e a bênção de Alá estejam com ele, embora tenha realizado, por vontade de Alá, muitos outros milagres durante a sua missão profética.



Capítulo 7, versículos 86-87, do Alcorão na escrita original (à direita) e na escrita subsequente (à esquerda). Durante o tempo do profeta, a escrita arábica consistia em símbolos muito básicos, sem vogais ou sinais diacríticos (tashkil e I'jam em arábico). Com a disseminação do Islão junto de pessoas que não falavam arábico, a leitura e a pronúncia erradas do Alcorão tornaram-se evidentes. Para combater esse perigo, foram introduzidas vogais e sinais diacríticos cerca de seis décadas após a morte do profeta.

As tradições do profeta

As tradições do profeta (*Sunnah* ou *Sunan* em arábico), são os ensinamentos e exemplos de vida do profeta que são divinamente inspirados (Alcorão 53:3) e foram transmitidos pelos seus companheiros. São distintos e separados do Alcorão e constituem a segunda fonte primária dos ensinamentos islâmicos depois do Alcorão.

Ao contrário do Alcorão que foi revelado, registado e compilado durante a vida do profeta, as tradições foram principalmente registadas e compiladas após a sua morte (632 EC). O registo das tradições começou pouco depois da morte do profeta, mas as compilações começaram em pleno em meados do século ^{VIII} da EC e floresceram até ao século ^{IX} da EC. Assim, por exemplo, o Musnad Ar-Rabi' bin Habib foi compilado no final do século ^{VIII} da EC e o Sahih Al Bukhari e o Sahih Muslim foram compilados no século ^{IX} da EC.

Como as tradições foram narradas e transmitidas por uma cadeia de pessoas ao longo do tempo, desenvolveu-se uma elaborada metodologia para autenticar as tradições. A metodologia examinou a cadeia de narradores, o conteúdo das tradições e o contexto em que as tradições específicas ocorreram, de acordo com os relatos. Através desta metodologia, as tradições foram classificadas em várias categorias de autenticidade. Esta metodologia de autenticação (*isnaad* em arábico) ainda hoje é utilizada para determinar as falsas tradições que possam ter penetrado nas coleções originais.

As tradições do profeta cumprem a função seguinte na orientação islâmica e na formulação das suas leis:

1. Esclarecer os objetivos dos versículos revelados do Alcorão e desenvolver os seus significados
2. Constituem a segunda fonte primária da lei islâmica depois do Alcorão e os seus pronunciamentos em relação ao que é permitido e ao que é proibido assumem o mesmo estatuto do Alcorão
3. Reforçar as injunções corânicas, atestando assim a sua autoridade

4. Desenvolver os métodos de realização dos atos de culto ordenados no Alcorão
5. Explicar e definir exemplos da aplicação dos valores éticos contidos no Alcorão

Referimos em seguida três exemplos das tradições do profeta

Narrou Abu Ubayda que Jaabir bin Zaid aprendeu com Ibn Abbas (que esteja na graça de Alá) que o profeta, que a paz esteja com ele, disse: «Alguém que nos defraude não é um dos nossos e alguém que não mostre misericórdia para com os nossos jovens e respeito para com os nossos anciãos não é um dos nossos.» (Musnad Ar-Rabi' bin Habib, Hádice n.º 582)

Abu Al-Minhal disse: «Interroguei Al-Bara bin Azib e Zaid bin Arqam sobre a prática da troca de dinheiro. Eles responderam: «Éramos mercadores no tempo do apóstolo de Alá, que a paz e a benção de Alá estejam com ele, e interrogámo-lo sobre a troca de dinheiro. Ele respondeu: «Se for de mão para mão, não há mal algum nela, caso contrário não é permitida.» (Sahih Al Bukhari, Livro das Vendas, Hádice n.º 276)

Abu Huraira relatou que o mensageiro de Alá, que a paz e a benção de Alá estejam com ele, disse: Uma mulher não deve casar-se enquanto não for consultada e uma virgem não deve casar-se enquanto não for obtida a sua permissão. Perguntaram ao profeta, que a paz e a benção de Alá estejam com ele: «Como se obtém o consentimento (da virgem)? »Ele respondeu: «Desde que guarde silêncio.» (Sahih Muslim, Livro do Casamento, Livro 008, Número 3303)

Estes exemplos contam-se entre as inúmeras tradições do profeta que discorrem sobre a lei e prestam orientação sobre as normas sociais.

A vida depois da morte

A morte é inevitável e, portanto, é preciso enfrentar a realidade da vida após a morte. Uma pessoa pode negá-la completamente, ou seja, alimentar a ideia de que não há nada depois da morte, e outra pessoa pode ignorá-la e esperar pelo melhor, mas em qualquer um dos casos está a correr um risco enorme porque a vida após a morte significa a existência eterna, que é um assunto muito sério. A coisa mais sensata que se pode fazer é prevêê-la e fazer algo a esse respeito. E é disso que a religião trata; é da nossa preparação para a nossa existência eterna no além.

Prova do Além

Além da fé na religião, a realidade da vida depois da morte pode ser deduzida através da razão e do senso comum. Consideremos os argumentos seguintes:

1.º argumento: Entre a criação de Deus, os seres humanos possuem inteligência, poder de raciocínio e autonomia da vontade. Estas características dão-nos potencial espiritual, físico e material para superar todas as outras criações. Por esta razão, após a criação de Adão, os anjos foram ordenados por Deus a prostrarem-se diante dele em reconhecimento por este grande potencial.¹⁷ Assim, o homem sondou as profundezas do Universo, pode comunicar em todo o mundo em tempo real, produziu alimentos geneticamente modificados, inventou a inteligência artificial e muitos outros feitos de desenvolvimento que hão de surgir à medida que o conhecimento humano se expande. Ora, esta grande criação chamada *ser humano* não podia ter sido criada sem um propósito divino e sem um plano divino; nós vivemos e morremos e acabou. Era o que as pessoas de antigamente supunham, como o Alcorão nos informa:

E eles dizem “Não há senão nossa vida terrena: morremos e vivemos, e nada nos aniquila senão o tempo.” E eles não têm disso ciência alguma. Eles nada fazem senão conjecturar. (Alcorão 45:24)

Com efeito, a ideia de que não existe nada depois da morte não passa de conjectura!

2° argumento: Tudo no universo aponta para a perfeição suprema no conhecimento e no desígnio de Deus. Os seres humanos vivem sempre com o desejo de uma vida mais satisfatória neste mundo, uma vida de perpétuo bem-estar e de existência perpétua; ninguém quer ficar doente, na miséria ou morrer. Este desejo humano aponta para uma imperfeição na nossa existência terrena. Os seres humanos não podem desejar algo que não existe; portanto, esta perfeição que os seres humanos desejam tem de existir. Esta perfeição concretizar-se-á, de facto, na vida após a morte, onde a perfeição suprema na criação de Deus será alcançada. A nossa existência neste mundo, que não é perfeita, é temporária, e serve para nos preparar para a próxima vida, que é eterna e perfeita; e é este o plano divino da nossa criação. .

3° argumento: Os seres humanos foram criados com a liberdade de escolha; alguns de nós podem ser virtuosos e outros podem optar pela perversidade e pela maldade. Os ímpios infligem muito sofrimento aos seus semelhantes e saem incólumes por várias razões: posição de poder e influência, leis humanas deficientes, corrupção nos sistemas jurídicos e assim por diante. No entanto, outros podem cometer crimes tão terríveis que nenhuma justiça humana os pode jamais punir. Consideremos, por exemplo, uma pessoa responsável pela morte injusta de um milhão de pessoas; que tipo de punição será verdadeiramente justa para tal pessoa? A justiça final nunca pode ser cumprida neste mundo. A nossa esperança de verdadeira justiça só pode concretizar-se no além. Seria, aliás, uma injustiça absoluta se não existisse o além.

4° argumento: Como mencionado previamente, os seres humanos foram criados com um reconhecimento natural da realidade (Fitrah, em árabe). Assim, descobrimos que, ao longo da história da humanidade, a grande maioria de pessoas acredita na vida após a morte. Por exemplo, registos

históricos de civilizações antigas revelam que as pessoas preparavam para uma transição para uma existência continuada após a morte. Eles reconheciam muito bem que a morte levava à continuação da existência da alma noutra lugar em outro plano, um novo mundo.

5º argumento: O Alcorão discorre sobre: (a) inúmeros fenómenos nas ciências naturais (ver a secção 6), (b) acontecimentos históricos, (c) legislação e padrões morais que transformaram positivamente a civilização humana e continuam ainda hoje a ter um profundo impacto sobre a humanidade. Não se provou que nenhuma destas reflexões fosse falsa ou inválida. Perante esta verdade e validade estabelecidas do Alcorão, por que razão se contestaria a realidade da vida depois da morte sobre a qual o Alcorão discorre de forma tão enfática?

Os argumentos anteriores devem convencer qualquer um de que a vida depois da morte não é apenas uma realidade, mas uma necessidade. Além disso, quais são os argumentos que sugerem que ela não existe?

Os ensinamentos islâmicos sobre a morte e a vida depois da morte

A alma humana passa por várias fases na sua existência eterna. A nossa vida nesta terra é uma preparação para as fases seguintes da nossa existência. A morte marca o começo da próxima fase da nossa existência, que é o «estado intermédio entre a morte e a ressurreição». Em arábico, esta fase designa-se como *Barzakh*. É o período na sepultura em que se acorda num outro plano de existência com plena consciência espiritual. Aqueles que se prepararam para a vida depois da morte nesta vida terrena experimentarão alegria e alívio graças à perspectiva dos prazeres e do contentamento que os espera, enquanto aqueles que ignoraram a realidade da vida depois da morte sofrerão um remorso imenso devido às calamidades iminentes que se abaterão sobre eles. O Alcorão informa-nos que estes dois estados opostos são anunciados à alma pelos anjos no momento exato da morte:

Por certo, os que dizem: “Nosso Senhor é Allah”, em seguida, são retos, os anjos descerão sobre eles, freqüentemente, dizendo: “Não temais e não vos entristeçais; e exultai com o Paraíso, que vos era prometido. (Alcorão 41:30)

E, se visses os anjos, quando levam a alma dos que renegam a Fé, batendo-lhes nas faces e nas nádegas, e dizendo: “Experimentai o castigo da Queima. (Alcorão 8:50)

Este período na sepultura é a primeira etapa da vida depois da morte que assinala as consequências das escolhas que fizemos na nossa vida terrena. Afirma-se que o profeta disse: «A sepultura é a primeira das etapas da próxima vida. Se alguém passar por ela em segurança, o que se segue é mais fácil. No entanto, se fracassarmos nesta primeira etapa, o que se segue é mais penoso.»

A alma permanece neste estado intermédio até *ao Fim do Tempo* ou *à Hora* em que a criação física como a conhecemos se transformará num novo plano de existência, o novo mundo. Este é um acontecimento importante que foi descrito em termos vívidos no Alcorão. Por exemplo, em 22:1-2 lemos:

Ó homens, poupai-vos à ira do vosso Senhor: o sismo da Hora é uma coisa terrível. No dia em que o virdes, vereis que todas as mulheres lactantes abandonarão o que amamentam, e todas as mulheres grávidas abortarão o que carregam, e as pessoas parecer-vos-ão embriagadas, embora não o estejam, mas o terrível tormento de Alá será tal (que parecerão bêbadas).

O Fim do Tempo inaugura o novo mundo que começará com a ressurreição dos mortos e toda a humanidade será novamente recriada. O Alcorão descreve este dia como um dia muito difícil, na verdade, para os descrentes que suplicarão uma segunda oportunidade de vida na Terra,

para que possam corrigir os seus erros. Quanto aos crentes, não terão nada a temer neste dia.¹⁸

A humanidade será então reunida para o juízo final. Este é o Dia do Juízo Final que é tão importante que o Alcorão o descreve em muitos termos: o dia do arrependimento (19:39), o dia da vitória (32:29), um dia calamitoso (76:10), um dia pesado (76:27), um dia tremendo (19:37), um dia de ajuste de contas (38:16, 40:27) e assim por diante. O Dia do Juízo Final é o dia em que o nosso Senhor julgará o nosso valor espiritual. É um dia de grande júbilo e expectativas felizes para os justos e um dia de arrependimentos e lamentações para os que negam Deus e o derradeiro dia, este Dia do Juízo Final. Estes dois cenários são resumidos nos seguintes versículos do Alcorão:

Ó ser humano! Por certo, tu te estás empenhando, em tuas ações, esforçadamente, para deparar teu Senhor: tu depará-LO-ás. Então, quanto àquele a quem for concedido seu livro, em sua destra, Fá-lo-á dar conta, facilmente, E tornará alegre a sua família. E, quanto àquele a quem for concedido seu livro, por trás de suas costas, Suplicará um extinguir. E queimar-se-á em Fogo ardente, Por certo, fora alegre, em sua família. Por certo, ele pensava que não voltaria a seu Senhor.

O Islão ensina-nos que os justos se unirão no além com os seus familiares e entes queridos virtuosos;¹⁹ e que será uma enorme felicidade reencontrarmos os nossos pais, irmãos e irmãs, filhos e amigos no paraíso. Mas para os ímpios, o cenário será completamente diferente; desejarão nunca ter existido.

Por certo, Nós vos admoestamos de um castigo próximo. Um dia, em que o homem olhará o que suas mão anteciparam, e o renegador da Fé dirá: “Quem dera fosse eu pó! (Alcorão 78:40)

A visão islâmica sobre outras religiões

Os seres humanos foram criados com um reconhecimento natural do Criador e valores morais básicos inatos (*Fitrah* em árabe). Ao longo da história da humanidade, Deus enviou uma corrente de profetas a todas as nações para despertar essa norma natural na humanidade. A mensagem de Deus a todos estes profetas sempre foi consistente com o credo básico: *a unidade divina, a crença no Além e na virtude* – embora as leis e as formas de culto variassem.²⁰ Alá diz no Alcorão 42:13:

Da religião, Ele legislou, para vós, o que recomendara a Noé, e o que te revelamos, e o que recomendáramos a Abraão e a Moisés e a Jesus: “Observai a religião e, nela, não vos separeis.” É grave para os idólatras aquilo a que os convocas. Allah atrai, para Ele, quem Ele quer, e guia, para Ele, quem se Lhe volta contrito.

A diversidade de credo e religião surgiu ao longo do tempo como resultado do desvio gradual das mensagens originais. No Alcorão Alá convoca a humanidade para regressar ao credo básico de Abraão, que foi um verdadeiro monoteísta na fé e o antepassado dos profetas subsequentes de Deus na história humana. Portanto, da perspectiva islâmica, todas as religiões divergentes dividem-se em duas categorias.

1. Religiões monoteístas

O judaísmo, o cristianismo e o islamismo são religiões que partilham as mesmas tradições monoteístas do profeta Abraão, que a paz esteja com ele. Na sua forma mais pura, estas três religiões têm os mesmos princípios básicos de fé e religião.

Os judeus e os cristãos são chamados «*Pessoas do Livro*» em muitos versículos do Alcorão.²¹ Tal significa que são pessoas que estão associadas às escrituras divinas, ou seja, à Torá e ao Evangelho. Contudo, estas duas

escrituras na sua forma atual não são estritamente as mensagens originais dos seus profetas respetivos, Moisés e Jesus, que a paz esteja com eles.²² Consequentemente, o Islão vê o judaísmo e o cristianismo como religiões que não são consistentes com os verdadeiros ensinamentos de Moisés e Jesus, que a paz esteja com eles.

O Alcorão foi revelado não apenas para confirmar e completar as mensagens de Moisés e Jesus, a paz esteja com eles, mas também para corrigir os desvios no que permanece das suas mensagens.²³ Por essa razão, da perspetiva islâmica, os verdadeiros seguidores das mensagens de Moisés e Jesus, que a paz esteja com elas, são de facto aqueles que seguem o Alcorão.

2. Outras religiões

Em relação a outras religiões que não o judaísmo e o cristianismo, por exemplo, o hinduísmo, o budismo e outras, o Islão vê-as como religiões que estão longe das tradicionais mensagens proféticas e não estão, por conseguinte, associadas às tradições abraâmicas. Algumas destas religiões inclinam-se para o ateísmo e outras ainda desviam-se gritantemente da adoração do Único Deus Verdadeiro, Alá, associando-Lhe outros deuses. Associar outros deuses ao Único Deus Verdadeiro é contrário ao princípio da Unidade Divina (ver a secção 3).

No entanto, apesar de todas estas diferenças, o Islão respeita todas as fés, bem como as pessoas que seguem essas fés, uma vez que foi Alá quem criou a humanidade e nos deu liberdade de escolha em questões de fé. Ele diz no Alcorão 10:99:

E, se teu Senhor quisesse, todos os que estão na terra, juntos, creriam. Então, compelirás tu os homens, até que sejam crentes?

Esta ideia é reiterada noutro versículo, 2:256:

Não há compulsão na religião! Com efeito, distingue-se a retidão da depravação.

Assim, a diversidade na fé enquadra-se no plano de Alá na criação da humanidade.²⁴ Com este reconhecimento, ao longo da história os muçulmanos têm convivido em paz, amor, boa vontade e harmonia com pessoas de outras religiões. Aliás, convém notar que o Islão protege a dignidade humana e adota valores morais baseados no princípio fundamental da igualdade da humanidade e da autonomia da vontade em questões de fé.



A peregrinação anual a Meca atrai mais de três milhões de pessoas de todas as nacionalidades a um único lugar para o culto do Deus Único, Alá. É uma demonstração prática e um reforço da unidade da religião e da unidade da humanidade.

Jesus no Islão

Um dos princípios da fé no Islão é acreditar em **todos** os mensageiros de Alá. Os muçulmanos acreditam que Jesus, que a paz esteja com ele, foi um dos maiores mensageiros de Alá.

A vida e os ensinamentos de Jesus, conforme refletidos na Bíblia, foram registados décadas após a sua partida, estando assim profundamente rodeados de mistério. O Alcorão, que menciona Jesus vinte e cinco vezes pelo nome, veio esclarecer o mistério e as superstições em torno da sua personalidade e ensinamentos, fazer justiça a Jesus e à sua mãe em relação às falsas alegações que lhes foram atribuídas e honrar ambos como servidores leais devotos de Alá, que estejam na graça de Alá. Assim, o Alcorão ensina-nos que:

- Jesus, que a paz esteja com ele, nasceu na sequência da milagrosa conceção da sua mãe, a Virgem Maria. Por conseguinte, Jesus, que a paz esteja com ele, não tinha pai e, portanto, não tinha genealogia paterna, mas uma nobre genealogia materna, porque Maria era oriunda da família dos profetas. No entanto, apesar da sua conceção milagrosa, era totalmente humano e, como o Alcorão nos informa, nunca afirmou ser mais do que um ser humano designado por Alá como profeta.²⁵ Por exemplo, no Alcorão 5:116-117, Alá descreve uma cena no Dia do Juízo Final:

E lembra-lhes de quando Allah dirá: “Ó Jesus, filho de Maria! Disseste tu aos homens: “Tomai-me e a minha mãe por dois deuses, além de Allah? Ele dirá: “Glorificado sejas! Não me é admissível dizer o que me não é de direito. Se o houvesse dito, com efeito, Tu o haverias sabido. Tu sabes o que há em mim, e não sei o que há em Ti. Por certo, Tu, Tu és O Profundo Sabedor das cousas invisíveis. Não lhes disse senão o que me ordenaste: ‘Adorai a Allah, meu

Senhor e vosso Senhor'. E fui testemunha deles, enquanto permaneci entre eles. Então, quando findaste meus dias na terra, Tu foste, sobre eles, O Observante. E Tu, de todas as cousas, és Testemunha.

Existem inúmeros indícios na própria Bíblia de que Jesus, que a paz esteja com ele, foi humilde, afirmou a sua obediência a Deus e nunca reivindicou a divindade.²⁶

- Ele era o Messias (Cristo), o que significa que foi ungido ou nomeado por Alá como profeta.²⁷
- Realizou muitos milagres, mas com a permissão de Alá. O primeiro milagre foi ter falado em bebé para defender a mãe, Maria, que enfrentava acusações de indecência por causa do nascimento virginal. Mais tarde na vida realizou muitos outros milagres, com a permissão de Alá, como ressuscitar os mortos e curar os cegos e os leprosos.²⁸
- Foi enviado com o Evangelho (*Al-Injeel* em arábico).²⁹ Por exemplo, no Alcorão 5:46, Alá diz:

E, na pegada daqueles, fizemos seguir a Jesus, de Maria, para confirmar a Tora, que havia antes dele. E concedêramo-lhe o Evangelho; nele, há orientação e luz e confirmação da Tora, que havia antes dele, e orientação e exortação para os piedosos.

- Foi apenas enviado aos filhos de Israel e não a qualquer outra nação. Alá afirma no Alcorão 3:49,

E fá-lo-á Mensageiro para os filhos de Israel

O facto de Jesus, que a paz esteja com ele, ter sido apenas enviado aos filhos de Israel ainda hoje se encontra refletido na Bíblia, em todas as suas diferentes versões.³⁰

- Não foi morto nem crucificado. Alá afirma no Alcorão 4:157 -158:

E por seu dito: “Por certo, matamos o Messias, Jesus, Filho de Maria, Mensageiro de Allah.” Ora, eles não o mataram nem o crucificaram, mas isso lhes foi simulado. E, por certo, os que discrepam a seu respeito estão em dúvida acerca disso. Eles não têm ciência alguma disso, senão conjeturas, que seguem. E não o mataram, seguramente; Mas, Allah ascendeu-o até Ele. E Allah é Todo-Poderoso, Sábio.

Os inimigos de Jesus, que a paz esteja com ele, tentaram crucificá-lo, mas Alá não permitiu que o seu profeta fosse humilhado. Protegeu e salvou o Seu profeta.



Mesquita Al-Aqsa em Jerusalém, a terceira mesquita mais sagrada do Islão. Como o Alcorão menciona (17:1 e 53:13-18), o profeta Maomé, que a paz e a bênção de Alá estejam com ele, ascendeu ao céu a partir desta mesquita no ano de 621 EC.

Porquê o Islão? As religiões não estão todas certas?

Existe a convicção equivocada de que qualquer religião, que promova a boa vontade, a harmonia e o amor entre as pessoas, conduz essencialmente a Deus e à piedade e, portanto, qualquer religião desse tipo é aceitável. Por outras palavras, todas as religiões são essencialmente boas e/ou iguais, pelo que não é necessário seguir nenhuma religião em particular. Esta linha de raciocínio é deficiente e imperfeita por duas razões importantes.

Em primeiro lugar, a religião tem a ver com a nossa devoção ao Criador, Alá. Diz respeito à forma como nos relacionamos com Ele, como O adoramos e como conduzimos as nossas vidas nesta terra de acordo com a Sua Vontade. Todas estas «formas» devem vir do Criador. Assim, a religião verdadeira e correta deve ser a prescrita pelo Criador.

Em segundo lugar, dizer que todas as religiões que existem hoje são verdadeiras religiões do Criador não pode estar certo, porque existem grandes contradições doutrinárias e práticas em várias religiões atualmente existentes. Para dar alguns exemplos: Nem todas as religiões, conforme praticadas pelos seus adeptos, concordam com o conceito da Unicidade absoluta do Criador (monoteísmo), em segundo lugar, existem grandes diferenças entre as religiões no que toca aos princípios da salvação e, em terceiro lugar, existem diferenças entre as religiões sobre o que é lícito e o que é ilícito.

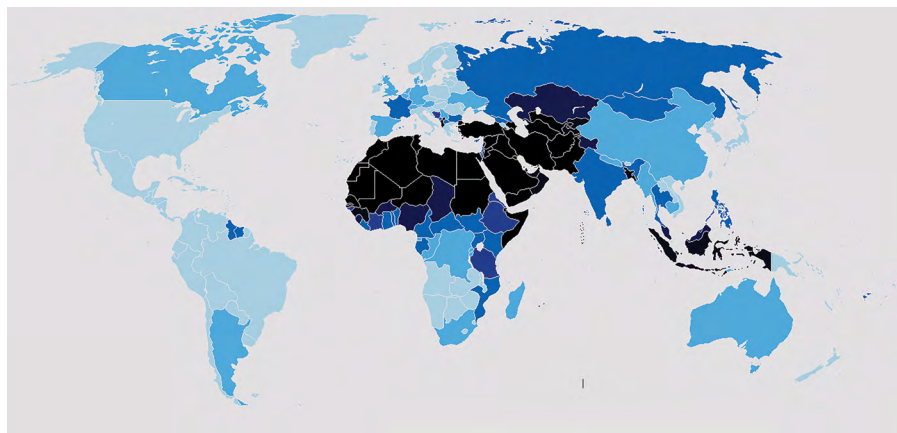
O Criador certamente não Se contradiz. A Sua religião deve, por conseguinte, ser consistente para toda a humanidade: consistente em termos das suas crenças e práticas básicas. Cabe ao indivíduo buscar a verdade através do conhecimento e da razão. Não devemos cair na ilusão de que todas as religiões são essencialmente boas e, portanto, aceitáveis ao Criador; a única religião que Lhe é aceitável é a **Sua** religião.

O Islão não reivindica originalidade na religião; é a mesma religião que foi revelada a todas as gerações anteriores da humanidade. A diversidade

de religiões na história humana surgiu devido a desvios em relação às mensagens originais dos profetas. O mensageiro final, Maomé, e a mensagem final, o Alcorão, vieram para guiar a humanidade em direção à mensagem original. Assim, a única religião aceitável ao Criador é aquela que se ajusta a esta mensagem final: o Islão, que significa submissão à Sua vontade. Assim, Alá afirma no Alcorão 3:85:

E quem busca outra religião que o Islão, ela não lhe será aceita, e ele, na Derradeira Vida, será dos perdedores.

O Islão era a religião de todos os mensageiros de Deus que precederam o mensageiro final, Maomé, incluindo Abraão, Moisés e Jesus, que a paz esteja com todos eles, porque eram subservientes ao Criador e totalmente obedientes à Sua vontade. O Islão era também a religião dos seguidores sinceros dos profetas precedentes que aderiram aos verdadeiros ensinamentos de seus respetivos profetas.



População muçulmana mundial (%)



Advertência sobre o ateísmo e o agnosticismo

O ateísmo é a negação do Ser Supremo (Deus), o que também implica a negação da vida no além. O agnosticismo representa ter dúvidas sobre a existência do Ser Supremo. Tanto os ateus como os agnósticos invocam várias razões para a sua negação ou dúvida. Antigamente, as razões prendiam-se com a nossa incapacidade para ver ou sentir fisicamente a presença de Deus ou com a experiência humana do sofrimento; se Deus existe, por que razão sofremos? Hoje em dia, as razões são mais sofisticadas; por que razão não pode a existência de Deus ser cientificamente provada? Além disso, dado que podemos explicar cientificamente muitos fenómenos na criação, não existe qualquer fundamento para a existência de Deus.

O Islão aborda esta rejeição ou ceticismo apelando à consciência, ao intelecto e à razão humana a respeito da existência de Deus. A natureza do Criador e a criação são infinitamente diferentes e, como tal, os seres humanos não têm a capacidade de ver Deus. Além disso, se Deus tivesse uma forma física que pudéssemos ver, estaria limitado ou constrangido no espaço, no tempo e na matéria. Esta é uma proposição absurda, porque o espaço, o tempo e a matéria são coisas criadas e, por conseguinte, não podem limitar o Criador. O Alcorão convida as pessoas a uma investigação intelectual sobre a criação para que possam compreender Deus através da Sua criação. Os indícios da existência de Deus denominam-se «sinais» no Alcorão (*ayah* em arábico), o qual contém centenas de sinais deste tipo. No capítulo 41, versículo 53, Alá afirma:

Fá-los-emos Ver Nossos sinais nos horizontes e neles mesmos, até que se torne evidente, para eles, que ele, Alcorão, é a Verdade. E não basta que teu Senhor, sobre todas as cousas, seja Testemunha?

Assim, com esta promessa o Alcorão exorta a humanidade a ponderar sobre os inúmeros indícios da existência de Deus através da Sua criação.

Por exemplo, Alá afirma no versículo 3:190 do Alcorão:

Por certo, na criação dos céus e da terra, e na alternância da noite e do dia, há sinais para os dotados de discernimento.

Com efeito, na criação dos céus e da Terra, os cientistas descobriram factos surpreendentes; por exemplo, (a) o Universo teve um começo, isto é, partiu do nada; (b) o Universo evoluiu de acordo com leis e processos físicos precisos e interligados; (c) existem mais de 200 parâmetros que tornam a vida na Terra possível, como por exemplo a distância entre a Terra e o Sol, a atração gravitacional da Terra, a composição atmosférica, a existência de água e assim por diante.

Noutro versículo, Alá afirma;

Ele é Quem vos faz descer do céu água. Dela bebeis e dela brota vegetação, em que fazeis pascer vossos rebanhos. Com ela, Ele vos faz germinar as searas e as oliveiras e as tamareiras e as videiras e toda espécie de frutos. Por certo, há nisso um sinal para um povo que reflete. (Alcorão 16:10-11)

São mencionados neste versículo inúmeros sinais da existência de Deus. Consideremos apenas um elemento no versículo, a formação da chuva: envolve centenas de leis físicas e parâmetros precisos que causam a evaporação da humidade da terra, a subida da humidade ao céu, a condensação da humidade em gotículas, a acumulação das gotículas dando origem às nuvens, o movimento das nuvens carregadas de milhares de toneladas de água e a queda das gotículas na forma de chuva. Todos estes processos são regidos por leis e parâmetros físicos precisos. O Alcorão convida-nos a refletir sobre muitos milhares destes sinais na criação. Para um ser humano pensante e razoável, tudo isto aponta para um Criador Supremo, Deus. Não é razoável supor que todo este plano, complexidade

e precisão inteligentes na Criação e todas as suas dinâmicas profundas sejam resultado do acaso. De facto, muitos cientistas modernos de renome chegaram a esta mesma conclusão lógica.³¹

O Alcorão também nos informa que todos os seres humanos são criados com uma disposição natural para reconhecer o Criador e Lhe obedecer (é o que em arábico se chama *fitrah*).³² A prova disso é que, quando enfrentamos uma crise séria e nos apercebemos de que nenhum ser humano nos pode acudir, temos tendência para pedir ajuda a Deus. O nosso Criador designou profetas e enviou escrituras à humanidade para despertar essa consciência de O reconhecer. No entanto, porque Deus nos deu a autonomia da vontade, temos a capacidade de suprimir esta disposição natural para reconhecê-Lo. Mas Deus diz-nos no Alcorão que guiará aqueles que respondem à chamada interior para acreditar Nele, assim como deixará à deriva aqueles que optarem por reprimir a sua consciência para não acreditarem Nele, e é este o plano de Deus para a nossa criação.³³

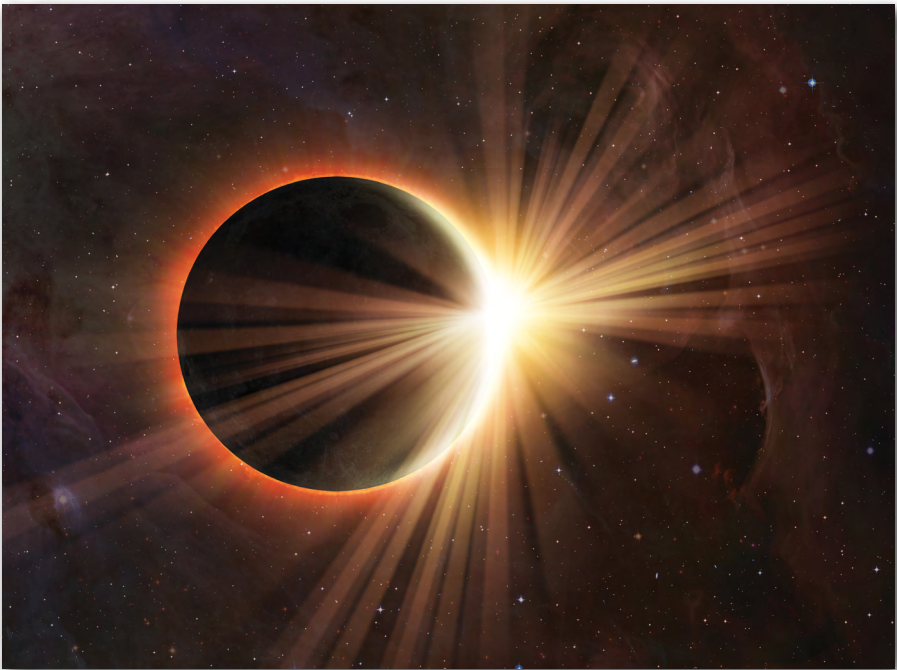
O Alcorão, que é a última revelação enviada à humanidade, é em si mesmo um sinal da existência de Deus. No capítulo 4, versículo 82, do Alcorão, lê-se:

E não ponderam eles o Alcorão? E, fosse vindo de outro que Allah, encontrariam nele muitas discrepâncias.

Um estudo objetivo e aberto do Alcorão mostra claramente que não podia ter sido escrito pelo homem (ver a secção 7). O Alcorão é um poderoso testemunho da existência de Deus.

Deus criou-nos com um eterno propósito divino e favoreceu-nos mais do que a maior parte da Sua criação.³⁴ A nossa vida nesta terra é transitória e destina-se a preparar-nos para a nossa morada eterna no Além. Durante esta preparação, a nossa fé no Criador será testada na prosperidade, bem

como na adversidade. Além disso, também seremos postos à prova na forma como exercemos o nosso livre arbítrio, e é nesta prova ao nosso livre arbítrio que tanto o bem como o mal afetarão as nossas vidas; é o homem que perpetra o mal e não Deus. A vantagem aqui, no entanto, é que o mal e o sofrimento não servem apenas como um teste da nossa fé, mas são também uma advertência e um fator de dissuasão para o homem. É muitas vezes na adversidade que a contemplação positiva e a busca de um propósito mais nobre são despertadas na nossa consciência íntima.



Eclipse do Sol: Este fenómeno espetacular só é possível porque o Sol está quatrocentas vezes mais distante da Terra do que a Lua e é também quatrocentas vezes maior do que a Lua. Estas proporções precisas apontam para um desenhador que concebeu esta bela visão, o Criador.

O estatuto das mulheres no Islão

O Islão coloca os homens e as mulheres como seres humanos iguais perante o Criador. Os homens e as mulheres são biologicamente diferentes e, como tal, têm papéis diferentes, embora interdependentes, na família e na sociedade. No entanto, nenhum é superior ao outro. O seguinte versículo do Alcorão (4:1) resume bem este princípio:

Ó homens! Temei a vossa Senhor, Que vos criou de uma só pessoa e desta criou sua mulher, e de ambos espalhou pela terra numerosos homens e mulheres. E temei a Allah, em nome de Quem vos solicitais mutuamente, e respeitai os laços consangüíneos. Por certo, Allah, de vós, é Observante.

O que este versículo diz é que as mulheres são de natureza semelhante aos homens, pois ambos têm direitos mútuos, e Alá pede reverência e respeito especiais pelas mulheres, especialmente pelas nossas mães.

De acordo com este princípio nobre, o Islão libertou as mulheres do seu estatuto de meras servidoras dos homens, um costume maligno que prevalecia em todo o mundo



quando o Islão surgiu no século ^{VII} conferindo-lhes um estatuto de igualdade espiritual, social e económica face aos homens.³⁵ Assim, no Islão as mulheres têm direito à propriedade, à herança, à educação, a ganhar o seu próprio sustento e os demais direitos que gozam os homens.

As injustiças sofridas pelas mulheres em algumas sociedades muçulmanas não são prescritas pelo Islão, mas são, na verdade, práticas culturais contra as quais o Islão acabou por lutar. Por exemplo, os casamentos forçados ou a privação das raparigas de educação são praticados em algumas sociedades muçulmanas, mas são ilegais à luz da lei islâmica.

O extremismo e a violência religiosos

O extremismo e a violência religiosos são fenómenos que existem em todas as religiões do mundo e são tão antigos quanto as próprias religiões. Em todas as religiões haverá sempre pessoas com pontos de vista extremos e frequentemente pervertidos nas suas convicções. Essas pessoas travam muitas guerras e cometem muitas atrocidades devido às suas ideologias religiosas extremas e ao seu pensamento radical. Para dissuadir esta tendência humana, o Islão condiciona a fé e constrói o carácter humano com base nos princípios da autonomia da vontade, da preservação da dignidade humana, do respeito por todas as fés, da natureza sagrada da vida, da justiça e da equidade para toda a humanidade.

Autonomia da vontade e respeito por todas as fés

Deus criou o ser humano com liberdade de consciência e vontade em questões de fé e, por conseguinte, a fé numa religião não pode ser imposta a ninguém. Além dos versículos 2: 256 e 10:99 do Alcorão anteriormente citados (ver a secção 10), Alá afirma no versículo 11:118-119:

E, se teu Senhor quisesse, haveria feito dos homens uma só comunidade. Mas eles não cessam de ser discrepantes, Exceto os de quem teu Senhor tem misericórdia. E, por isso, Ele os criou. E a palavra de teu Senhor completar-se-á: “Em verdade, encherei a Geena de jinns e de homens, de todos eles.

A diversidade na fé faz parte do plano de Deus para a nossa criação, o que implica a coexistência e a tolerância com pessoas de todas as fés.

A natureza sagrada da vida

O Islão condena o assassínio dos inocentes e condena qualquer outra forma de violência ou injustiça infligida aos inocentes. No Islão, matar um pessoa injustamente é um grande pecado. Alá diz:

Que quem mata uma pessoa, sem que esta haja matado outra ou semeado corrupção na terra, será como se matasse todos os homens. E quem lhe dá a vida será como se desse a vida a todos os homens.

A guerra no Islão apenas é permitida em autodefesa e contra qualquer forma de agressão ou opressão.³⁶ No entanto, uma guerra justa seria declarada àqueles que estão envolvidos na agressão e não aos civis inocentes nem aos seus bens. Além disso, uma declaração de guerra seria feita por um Estado legítimo e não por indivíduos ou grupos. A guerra no Islão é governada por procedimentos operacionais extremamente rígidos, assim como por regras de tratamento dos prisioneiros, dos inocentes e dos bens.³⁷

Justiça e equidade

A falta de justiça e equidade gera ideologias extremas e violentas. O Islão exige justiça e equidade para todas as pessoas, independentemente da sua fé. Alá afirma no versículo 60:8 do Alcorão:

Allah não vos coíbe de serdes blandiciosos e equânimes para com os que não vos combateram, na religião, e não vos fizeram sair de vossos lares. Por certo, Allah ama os equânimes.

Com estes princípios, o extremismo e a violência só podem ocorrer no Islão por ignorância dos princípios islâmicos, por zelo religioso excessivo ou por motivos diferentes da religião. A violência a que assistimos hoje no mundo é, no fundo, politicamente motivada e não tem nada a ver com a religião ou com seitas religiosas, embora o nome da religião seja invocado para dissimular os motivos subjacentes e mobilizar o apoio popular. Estes conflitos e violência têm como motivação a luta pelo poder, a dominação, a riqueza, a ganância, a vingança e as consequências de intervenções militares estrangeiras. O Islão, enquanto religião, não é culpado pelas guerras e outras formas de violência que acontecem no mundo de hoje em nome da religião.

A jihad islâmica

«*Jihad*» é uma palavra arábica que significa «lutar ou esforçar-se» para conseguir algo. No contexto islâmico, significa «lutar no caminho de Alá», isto é, esforçar-se para servir o nosso Senhor. Muitos versículos do Alcorão exortam os crentes para que se esforcem na causa de Alá. Por exemplo, no versículo 5:35, lê-se:

Ó vós que credes! Temei a Allah e buscai os meios de chegar a Ele; e lutai em Seu caminho, na esperança de serdes bem-aventurados.

Deste modo, todos os atos de um crente, praticados com a intenção de agradar a Alá e obter a Sua aprovação, designam-se como *Jihad*; incluem atos de culto, caridade, controlo dos nossos desejos, busca de conhecimento, ganhar os meios de subsistência, criar as nossas famílias, ordenar o bem e proibir o mal e assim por diante.

Nos livros de história, bem como nos meios de comunicação modernos, a palavra «*Jihad*» é frequentemente mencionada no contexto da luta ou da violência. Isso é errado porque lutar em arábico é *Qital* e não *Jihad*. Afirma-se que o Islão foi disseminado pela espada em nome da *Jihad*. Trata-se da mais fantástica invenção alguma vez repetida nos livros de história: O Islão disseminou-se pelo mundo graças aos seus princípios e valores sublimes e não pela espada; nunca houve uma cruzada ou inquisição islâmica. O termo «*Guerra Santa*» não existe nas terminologias islâmicas. As suas raízes remontam ao papa Urbano II em 1095, quando convocou todos os cristãos da Europa para que participassem numa «Guerra Santa» contra os muçulmanos para reconquistar a Terra Santa. No entanto, no início da história islâmica, os muçulmanos envolveram-se em guerras, mas foram guerras destinadas a repelir a agressão ou a remover a tirania e estabelecer a liberdade de consciência e vontade em questões de fé; foram de facto guerras de libertação e não guerras de conversão. Apenas para dar um exemplo, os muçulmanos governaram a Índia durante centenas de anos e nunca houve uma campanha de conversão pela força das pessoas

ao Islão; até hoje a Índia continua a ser um país maioritariamente hindu.

As palavras «*jihadista*» e «*jihadismo*» são termos modernos usados na comunicação social para descrever grupos extremistas ou militantes islâmicos e as suas ideologias. Estes termos são uma invenção moderna e não têm raízes ou significado históricos no Islão.

O Islão não sanciona a violência arbitrária. Os muçulmanos só podem lutar em legítima defesa e para repelir a agressão. Nesta situação, a luta seria classificada como Jihad porque seria em autodefesa ou para afastar a agressão. Alá afirma no Alcorão 2:193:

E combatei-os, até que não mais haja sedição pela idolatria e que a religião seja de Allah. Então, se se abstiverem, nada de agressão, exceto contra os injustos.



A Mesquita do Sultão Ahmed é uma mesquita histórica situada em Istambul, Turquia. Os homens ainda se ajoelham para orar no exuberante tapete vermelho da mesquita após a chamada à oração. A Mesquita Azul, como é popularmente conhecida, foi construída entre 1609 e 1616 durante o reinado de Ahmed I. A sua Külliye contém o túmulo de Ahmed, uma madrasa e um hospital.

A sharia islâmica

A *Sharia* é um **código de conduta** exaustivo que regula toda a vida humana para que se conforme com a vontade divina. Engloba as crenças básicas (credo), formas de culto, ética, princípios socioeconómicos e o código penal. A palavra «*Sharia*» significa «caminho claro» ou «o caminho» e, assim, no contexto islâmico, significa o caminho para a salvação e o sucesso eternos. Ser muçulmano é viver de acordo com a *Sharia* porque é a maneira de viver divina.

Os princípios básicos da *Sharia* islâmica derivam do Alcorão e das tradições do profeta. A aplicação específica dos princípios, bem como a dedução dos pronunciamentos legais e religiosos para resolver situações emergentes, definem ainda melhor a *Sharia* por meio das opiniões consensuais dos eruditos religiosos, (*ijma* em arábico).

O juízo humano, por si só, não pode estabelecer um modo de conduta verdadeiramente justo e equitativo para toda a humanidade. A razão é que



Supremo Tribunal, Mascate, Omã

o juízo humano é negativamente influenciado pelo ego, pelo preconceito, pela arrogância, pelos desejos, pelo interesse próprio, pelas emoções, pela tacañez e por todas as outras fraquezas humanas. Precisamos que o nosso Criador nos guie e nos mostre uma forma de conduta humana verdadeiramente justa e equitativa, e esta é a *Sharia* islâmica. É o **código de conduta** absoluto que visa proteger a vida humana, a dignidade, a mente, a fé, a família e a propriedade.

A *Sharia* é frequentemente citada na retórica anti-islâmica como a lei islâmica que defende a subjugação das mulheres, o casamento infantil, a restrição das liberdades e assim por diante. Esse tipo de retórica deriva da ignorância do que a *Sharia* é na realidade; com efeito, é o **código de conduta** que oferece solução e dissuasão não apenas face aos males de que a *Sharia* é injustamente acusada, mas a todos os males sofridos pela humanidade. Por exemplo, é a *Sharia* que estipula leis e diretrizes sobre a igualdade de género, os direitos dos pais e dos filhos na família, os direitos dos pobres e necessitados, a condução da guerra e o tratamento humano dos prisioneiros de guerra, os princípios do comércio justo, a tolerância religiosa, a etiqueta social, o governo do Estado e assim por diante.

O seguinte é um exemplo de versículos do Alcorão, de que deriva o código de conduta justo e equitativo no comércio na *Sharia* islâmica, (Alcorão 26:181-183).

﴿ أَوْفُوا بِالْكَيْلِ وَلَا تَكُونُوا مِنَ الْمُخْسِرِينَ ﴾

﴿ وَزِنُوا بِالْقِسْطَاسِ الْمُسْتَقِيمِ ﴾

﴿ وَلَا تَبْخَسُوا النَّاسَ أَشْيَاءَهُمْ وَلَا تَعْنُوا فِي الْأَرْضِ مُفْسِدِينَ ﴾

Completai a medida, e não sejas dos fraudadores. E pesai tudo, com total equidade. E não subtraiais dos homens suas cousas e não semeeis a maldade na terra, sendo corruptores.

As divisões no Islão

Durante o tempo do profeta e o tempo dos três primeiros líderes (ou califas) após a sua morte, os muçulmanos eram uma única comunidade, embora houvesse algumas discordâncias no governo, particularmente durante o mandato do terceiro líder (Uthman ibn Affan, 644-656 EC). A dissensão política e, finalmente, a rebelião surgiram durante o mandato do quarto líder (Ali ibn Abi Talib, 656-661 EC). O conflito e a guerra que se seguiram resultaram em três fações; aqueles que combatiam Ali, aqueles que concordaram com a arbitragem entre Ali e os seus adversários e aqueles que estavam inicialmente com Ali, mas discordaram da arbitragem com os adversários de Ali. Assim, historicamente, as divisões na comunidade muçulmana foram de natureza política. Nesta conjuntura da história islâmica, a autoridade política começou a separar-se da autoridade judicial; surgiram nos três campos muitos eruditos muçulmanos que deram forma aos princípios e conceitos de determinação da *Sharia* que já estavam a ser aplicados. Notabilizaram-se grandes juristas muçulmanos como: Jabir bin Zayd (639–709 EC), Abu Hanifa (699–767 EC), Ja'afar Sadiq (702-765 EC), Malik (711–795 EC), Shafi'i (767–820 EC) e Ibn Hanbal (780-855 EC). Cada um destes eruditos, designado imã, um título honorífico por excecional erudição jurídica e religiosa, desenvolveu uma metodologia de dedução de leis e pronunciamentos legais e reuniu um círculo de seguidores. No século ^x, já os princípios estabelecidos por estes grandes estudiosos se haviam desenvolvido em «Escolas de Jurisprudência» bem definidas, que adotavam as teorias defendidas pelos eruditos. Assim, a escola de Jabir bin Zayd tornou-se conhecida como *Ibadita*, a de Abu Hanifa como *Hanafita*, a de Ja'afar Sadiq como *Xiita*, a de Malik como *Maliquita*, a de Shafi'i como *Xafeita* e a de Ibn Hanbal como *Hambalita*, embora nenhum destes imãs tivesse pretendido criar uma escola distinta. Nos três séculos seguintes, os muçulmanos comuns também aderiram a uma escola particular, devendo-lhe lealdade exclusiva em relação a qualquer pronunciamento legal e religioso sobre questões de interesse.

Com todas estas «Escolas de Jurisprudência», os muçulmanos estão unidos por uma escritura comum, o Alcorão, que permaneceu inalterado desde a sua revelação há mais de catorze séculos, bem como as tradições do profeta Maomé, a paz e a bênção de Alá estejam com ele. Nenhum muçulmano no mundo difere nos princípios da fé e da religião e todos realizamem conjunto rituais religiosos, como orações e peregrinações.

Deve-se notar que o Islão proíbe a divisão da religião em seitas. Alá afirma no Alcorão 3:103:

E segurai-vos juntos à corda que Alá (vos estende) e não vos dividais.

No espírito deste mandamento, todas as escolas de jurisprudência muçulmanas viveram em harmonia como uma única comunidade durante séculos. Os infelizes conflitos entre muçulmanos a que assistimos na história e deflagraram em tempos recentes nada têm a ver com religião, mas sim com lutas geopolíticas.



A Mesquita dos Omíadas, também conhecida como a Grande Mesquita de Damasco, localizada no centro antigo de Damasco, é uma das maiores e mais antigas mesquitas do mundo. É considerada por alguns muçulmanos como o quarto lugar mais sagrado do Islão.

Os direitos humanos básicos no Islão

A humanidade ocupa uma posição de dignidade e honra na criação de Alá. Alá afirma no Alcorão 17:70:

E, com efeito, honramos os filhos de Adão e levamo-los por terra e mar e demo-lhes por sustento das cousas benignas, e preferimo-los, nitidamente, a muitos dos que criamos.

No respeito por esta honra, e para preservá-la, o Islão instituiu direitos básicos para toda a humanidade, independentemente da sua fé, raça ou estatuto. Os seguintes contam-se entre os principais direitos básicos no Islão, tal como prescritos no Alcorão:

1. O carácter sagrado da alma e o direito à vida. Além do versículo 5:32, citado na secção 15, Alá afirma:

E não mateis vossos filhos, com receio da indigência: Nós vos damos sustento, e a eles E não mateis a alma, que Allah proibiu matar, exceto se com justa razão. Eis o que Ele vos recomenda, para razoardes. (Alcorão 6:151)

2. O direito às necessidades básicas da vida. Os muçulmanos são obrigados a assegurar que os seus semelhantes tenham as necessidades básicas.

E, em suas riquezas, havia, de direito, parte para o mendigo e para o desprovido. (Alcorão 51:19)

Ajudar os pobres e cuidar dos necessitados não é um favor nem um privilégio, mas um direito dos pobres e dos necessitados.

3. O direito à liberdade em todos os seus aspetos.

Então, ele não enfrenta o obstáculo! E o que te faz inteirarte do que é o obstáculo? É libertar um escravo. (Alcorão 90:11-13)

A escravidão tem muitos rostos. Entre eles, contam-se a sujeição física e económica, o trabalho forçado, a exploração sexual e outras formas de exploração.

O profeta Maomé, que a paz esteja com ele, disse:

Há três categorias de pessoas contra as quais eu próprio serei um queixoso no Dia do Juízo Final. Destas três, uma é aquele que escraviza um homem livre.

Assim, o Islão aboliu a escravatura no século ^{VII} ao passo que, no Ocidente, só foi abolida no ^{XIX}.³⁸



A Grande Mesquita de Xi'an, na China. O Islão foi introduzido na China no início do século VII. Hoje existem mais de 20 milhões de muçulmanos na China.

4. Igualdade entre todos os seres humanos: Todas as pessoas são consideradas iguais e o único padrão de excelência perante Deus é a pureza de carácter e a nobreza moral.

Ó homens! Por certo, Nós vos criamos de um varão e de uma varoa, e vos fizemos como nações e tribos, para que vos conheçais uns aos outros. Por certo, o mais honrado de vós, perante Allah é o mais piedoso. Por certo, Allah é Onisciente, Conhecedor. (Alcorão 49:13).

5. O direito à justiça e à equidade em todos os assuntos sociais e económicos, independentemente do estatuto da pessoa na sociedade.

Ó vós que credes! Sede constantes na equanimidade, testemunhando por Allah, ainda que contra vós mesmos, ou contra os pais e os parentes. Quer se trate de rico ou pobre, Allah terá prioridade sobre ambos. Então, não sigais as paixões, para serdes justos. E, se deturpais o testemunho ou dais de ombros, por certo, Allah, do que fazeis, é Conhecedor (Alcorão 4:135).

6. A proteção da honra, dignidade e privacidade do indivíduo.

Ó vós que credes! Não permitais que alguns homens entre vós se riam dos outros: pode ser que (os últimos) sejam melhores do que (os primeiros): nem permitais que algumas mulheres entre vós se riam das outras: pode ser que (as últimas) sejam melhores do que (as primeiras): nem difameis nem sejais sarcásticos uns para com os outros, nem chameis nomes (ofensivos) uns aos outros: Um nome vil é o que denota perversidade (para ser lançado a alguém) quando já se tem fé: e aqueles que não se arrependem estão (na realidade) a cometer o mal. (Alcorão 49:11)

Além disso, no versículo 49:12, Alá diz:

Ó vós que credes! Evitai muitas das conjeturas. Por certo, uma parte das conjeturas é pecado. E não vos espieis. E não faleis mal, uns dos outros, pelas costas. Algum de vós gostaria de comer a carne de seu irmão morto? Pois, odiá-la-íeis! E temei a Allah. Por certo. Allah é Remissório, Misericordioso.

7. A liberdade de expressão e levantar a voz em defesa do que é correto e justo.

E os crentes e as crentes são aliados uns aos outros. Ordenam o conveniente e coíbem o reprovável (Alcorão 9:71)

Além disso, no versículo 4:148, Alá diz:

Allah não ama a declaração de maledicência, exceto a de quem sofre injustiça. E Allah é Oniouvinte, Onisciente.

8. A liberdade de fé e a liberdade de praticar a fé. Os muçulmanos acreditam que é seu dever exortar a humanidade a aderir à verdade do Islão. Contudo, ninguém tem o direito de obrigar os outros a professar qualquer fé, porque a fé é convicção e sinceridade voluntárias da alma. Alá afirma no versículo 2:256 do Alcorão:

Que não haja qualquer obrigação na religião: A verdade distingue-se claramente do erro.

Esta liberdade de fé no Islão é reiterada em muitos outros versículos do Alcorão.³⁹

Estes valores islâmicos, como outros prescritos no Alcorão e nas tradições do profeta, são universais e constituem os elementos essenciais dos direitos humanos e da democracia.

A diversidade cultural no Islão

O Islão reconhece a diversidade nos costumes, raça, línguas, vestuário, alimentação, artes, folclore e outras expressões culturais das pessoas, não apenas como legítimos, mas também como um sinal das benesses de Alá. O Islão, no entanto, também desaprova e até condena os aspetos de uma cultura que contradizem os seus ensinamentos e princípios. Alá diz:

E, dentre Seus sinais, está a criação dos céus e da terra, e a variedade de vossas línguas e de vossas cores. Por certo, há nisso sinais para os sabedores. (Alcorão 30:22)

Noutro versículo, Alá diz;

Ó homens! Por certo, Nós vos criamos de um varão e de uma varoa, e vos fizemos como nações e tribos, para que vos conheçais uns aos outros. Por certo, o mais honrado de vós, perante Allah é o mais piedoso. Por certo, Allah é Onisciente, Conbecedor. (Alcorão 49:13).

No mundo globalizado moderno, as pessoas reparam frequentemente em diferenças visíveis nos muçulmanos de várias origens raciais, étnicas e culturais. Torna-se importante diferenciar entre o que é cultural e o que é religioso e a interação entre religião e cultura para compreender a diversidade cultural existente no mundo muçulmano.

Existem muitas variações na forma como o Islão se manifesta nas culturas de todo o mundo. Tal não deve surpreender ninguém, porque, sendo uma religião universal, o Islão disseminou-se praticamente por todos os cantos do planeta. Esta proliferação envolveu a diversidade de culturas, todas expressas no quadro da estrutura islâmica. Quer isto dizer que, independentemente do país de acolhimento, o núcleo do Islão - o essencial da fé e da prática pessoal - serve de denominador comum para todos os muçulmanos praticantes. Por exemplo, todos os muçulmanos acreditam num só Deus. Todos acreditam em anjos. Todos eles leem e refletem sobre o mesmo Alcorão. Todos acreditam e seguem o profeta Maomé, que a paz

esteja com ele. Todos acreditam na vida depois da morte e na prestação de contas no Dia do Juízo Final. Todos acreditam na determinação e no destino divinos. As práticas centrais dos cinco pilares do Islão são essencialmente as mesmas para todos os muçulmanos em todo o mundo. Pode ouvir-se a mesma chamada à oração, seja em Omã, na Indonésia, no Senegal ou na China. Os muçulmanos de todo o mundo jejuam juntos durante o mês do Ramadão e convergem para Meca juntos durante os rituais anuais de peregrinação ou Hajj. Assim, existe no Islão um forte sentido de unidade na fé e nas práticas básicas dentro da diversidade cultural.

Naturalmente, a religião nunca existe dentro de um vácuo sem cultura. Encontra sempre expressão dentro de um contexto cultural. Ao mesmo tempo, as culturas nunca se formam ou evoluem sem referência a valores morais e ensinamentos religiosos mantidos pela maioria das pessoas. «Não há, por conseguinte, culturas religiosas neutras nem religiões livres de cultura.»⁴⁰ Um dos maiores desafios para os muçulmanos (e não muçulmanos) em qualquer momento e lugar é distinguir os ensinamentos e princípios intemporais e universais do Islão das camadas culturais de interpretação muitas vezes impostas a estes ensinamentos e princípios. Até o profeta Maomé, que a paz esteja com ele, reconheceu e previu que os muçulmanos iriam inevitavelmente deparar-se com situações que não seriam descritas no Alcorão ou na Suna. Haverá sempre novas situações culturais e jurídicas que exigem a análise crítica e a inteligência de estudiosos jurídicos perspicazes e sensíveis. Certamente, haverá novas questões nas regiões e épocas do mundo que excedem as experimentadas na época do profeta, que a paz esteja com ele, e a interpretação e resposta aos matizes culturais em transformação são, portanto, tarefas com as quais os muçulmanos sempre lidaram.

Os observadores, especialmente os oriundos do Ocidente, geralmente adotam uma de duas abordagens quando avaliam as sociedades muçulmanas tentando compreendê-las. Na primeira abordagem, os muçulmanos são vistos como uma entidade monolítica e imutável. Onde quer que os

muçulmanos estejam, independentemente da geografia e do tempo, são sempre os mesmos.⁴¹ Esta abordagem ignora a visível diversidade cultural no mundo muçulmano moderno. A segunda abordagem contrasta significativamente com a primeira. O Islão é separado das suas escrituras e identificado principalmente com pessoas, os seus seguidores. Como os muçulmanos são povos diversos, existem diferentes «Islões», como o islão turco, o islão libanês, o islão omanense, o islão indonésio, etc. De acordo com esta visão, não existe um mundo unitário do Islão, mas um mundo de muitos «islões». Há tantos «islões» quanto as situações que os sustentam.⁴² Aqui, a linha da diversidade cultural foi esticada até ao ponto em que o Islão é dividido em identidades nacionais. Uma abordagem mais correta seria falar de experiências únicas do Islão no tempo e no espaço. O Islão enquanto religião foi preservado nas fontes textuais do Alcorão e dos hádices, que refletem a Suna (exemplos práticos do profeta). O Islão em forma de texto não muda, mas os muçulmanos não existem no vácuo. Vivem num determinado tempo e num espaço específico. As condições e circunstâncias de uma determinada geografia e as questões e desafios dos tempos fornecem um contexto no qual os muçulmanos buscam inspiração no Alcorão e na Suna. Neste caso, tanto o «texto» como o «contexto» fornecem um recipiente onde se produzem as experiências únicas do Islão por meio de uma nova compreensão e interpretação perspicaz do mesmo texto imutável.⁴³

A nível individual, a experiência de um muçulmano do Islão depende do seu conhecimento dos seus ensinamentos, do nível de compreensão e da interiorização desses ensinamentos, bem como do grau em que esses ensinamentos são praticados. Da mesma forma, cada sociedade muçulmana vivencia o Islão em função dos fatores que existem no seu tempo e geografia. Os muçulmanos não são, portanto, uma entidade monolítica nem existem múltiplos «islões». Pelo contrário, existem experiências únicas do Islão vividas pelos indivíduos e pelas sociedades muçulmanas. Estas experiências são inevitáveis e explicam a diversidade cultural que presenciamos no mundo muçulmano. Esta diversidade é, na

verdade, um testemunho da incrível adaptabilidade do Islão a diferentes culturas, sem abandonar os seus princípios e ensinamentos fundamentais. Os muçulmanos veem este equilíbrio como uma prova da providência e misericórdia de Deus. O Islão é extremamente propício à expressão cultural e esforça-se sempre por fortalecer e melhorar uma cultura. Lamentavelmente, alguns muçulmanos esquecem ou deixam de associar normas culturais às suas raízes islâmicas, seja por simples ignorância ou por falta de consciência histórica. Quando tal acontece, podem desenvolver-se hábitos culturais eticamente contrários ao espírito e aos ensinamentos do Islão, transmitindo a impressão de que uma convenção distorcida ou destrutiva é realmente islâmica.⁴⁴ Encontram-se muitas práticas culturais negativas em algumas sociedades muçulmanas que são erroneamente associadas ao Islão ou atribuídas aos seus ensinamentos. Essas práticas incluem casamentos forçados, casamentos infantis, crimes de honra, a preferência por crianças do sexo masculino e a mutilação genital feminina. Todas estas práticas são anti-islâmicas e, todavia, servem para exacerbar os equívocos e reforçar os estereótipos negativos sobre o Islão.



Jovens estudantes muçulmanos num círculo de estudo numa mesquita recitando o Alcorão, Nekhon-Sri-Thammarat, Tailândia.

Por que razão a religião é importante?

Existem seis razões pelas quais a religião é importante:

1. Os nossos valores, comportamentos e ações são determinados por aquilo que acreditamos ser a norma na nossa consciência íntima. Esta norma é moldada pela cultura que herdamos. A norma cultural é fortemente influenciada pela fé, qualquer que seja essa fé. Sem uma norma cultural (ou termo de comparação), a nossa orientação na vida será confundida, levando a uma falta de sentido de direção, vazio e quebra dos valores e normas, tal como a sociedade os percebe, criando, assim, desordem tanto social como individual. Assim, a religião à partida é importante porque define a fé que, por sua vez, define a nossa norma cultural e visão do mundo. É, por assim dizer, o garante da nossa integridade social e pessoal.
2. A religião é a única fonte de conhecimento no que diz respeito a Deus: Quem Ele é, quais são os Seus atributos e qual é a Sua natureza? Assim, a religião é importante porque negar a religião é o mesmo que negar Deus.
3. A religião é a única fonte de conhecimento sobre coisas que escapam à perceção humana e são, ainda assim, reais. É a religião que fala sobre a natureza eterna da alma humana, da vida depois da morte, dos anjos e assim por diante. Assim, sem religião, somos totalmente ignorantes destas realidades que escapam à nossa perceção física.
4. A religião fala-nos sobre o propósito da vida: Por que estou aqui? Qual é o meu destino final? Quais são as consequências das escolhas que faço na vida? Muitas pessoas vivem em desespero porque lhes falta este sentido de propósito na vida.
5. A religião é definida como o modo de vida; um código de vida que visa proteger e preservar a dignidade humana e a segurança, bem como criar condições para uma vida harmoniosa e feliz. A religião define padrões morais e um sistema de justiça equitativo pelos quais

devemos pautar as nossas vidas. Ignorar a religião leva a todo um rol de males humanos: exploração, injustiça, opressão, ganância, discriminação, corrupção e muitos mais. A religião é necessária para o nosso bem coletivo.

6. Mas, principalmente, a religião é importante porque explica como podemos preparar-nos para a próxima vida. Como alegado na secção 9, a vida depois da morte é uma realidade e o que nos espera depende das escolhas que fazemos nesta vida. A religião diz-nos exatamente o que o nosso Criador espera de nós, como devemos conduzir as nossas vidas e quais serão as consequências das nossas ações no além.

A vida sem religião é uma vida indiferente ao propósito da vida e à perspectiva mais ampla da nossa existência, assim como uma vida que não tem a visão do que o futuro nos reserva. Não é sensato ignorar a religião como nos advertem os seguintes versículos do Alcorão (67:6-12):

E, para os que renegam seu Senhor, haverá o castigo da Geena. - E que execrável destino. Quando nela forem lançados, dela ouvirão soluços, enquanto ela ferverá. Ela quase rebentará de rancor. Cada vez que nela for lançada uma turba, seus guardiães perguntar-lhes-ão: “Não vos chegou um admoestador?. Dirão: “Sim, com efeito, um admoestador chegou-nos; então, desmentimo-lo e dissemos: “Allah nada fez descer; vós não estais senão em grande descaminho! E dirão: “Se houvéssemos ouvido ou razoado, não estaríamos entre os companheiros do Fogo ardente. E reconhecerão seus delitos; então extintos sejam os companheiros do Fogo ardente!. Por certo, os que receiam a seu Senhor, ainda que Invisível, terão perdão e grande prêmio.

Como pode uma pessoa tornar-se muçulmana?


O Islão baseia-se em seis artigos (ou pilares) de fé e cinco artigos de religião que foram descritos na secção 2 deste livro. Uma vez entendidos e aceites estes princípios, uma pessoa torna-se muçulmana declarando simplesmente o seguinte:



Esta declaração designa-se como *Shahada* em arábico, que significa uma promessa e afirmação da fé. É pronunciada pela primeira vez em arábico e depois na língua do novo muçulmano.

Uma vez pronunciada a *Shahada*, a pessoa torna-se muçulmana e, a partir de então, está comprometida através da crença e da ação com os artigos de fé e religião.

Quando uma pessoa não muçulmana abraça o Islão, está efetivamente a regressar à sua «religião de nascença», porque todos nascem muçulmanos. Por outras palavras, todas as pessoas estão, por natureza, à nascença plenamente submetidas à Vontade de Alá e têm uma consciência inata da moralidade básica (*fitrah* em arábico). À medida que a pessoa cresce, são os pais e a cultura circundante que conduzem a pessoa a uma determinada religião. Cabe, portanto, ao indivíduo buscar a verdade e adotar o que é lógico e faz sentido em questões de fé e religião.



A verdade sobre a fé

1. A fé cega baseada na casualidade do nascimento e no seguimento dos antepassados não é fé.
2. A verdadeira fé deve basear-se no conhecimento, na razão e na lógica.
3. A base da fé deve sustentar-se em sólidas provas.

Nota: No Islão, a fé e a razão não são mutuamente exclusivas. É necessário usar a razão para provar e fortalecer a fé.

Glossário

- Alá:** O nome pessoal do Criador e Senhor do Universo (ver a secção 3)
- Aia:** Qualquer versículo do Alcorão. Significa também «sinal de Deus».
- Califa:** Líder da comunidade muçulmana. A palavra deriva da palavra árabe '«*Khalifa*», que também significa «vicegerente»..
- Hádice:** *Hádice* (ou *Hadeeth*) e *Suna* são (respetivamente) os dizeres e os exemplos de vida do profeta Maomé, que a paz esteja com ele. Formam o corpo de ensinamentos do profeta que são coletivamente designados como «*Suna* do Profeta».(ver a secção 8)
- Hajj:** A peregrinação muçulmana anual a Meca (ver a secção 2)
- Hijra:** A emigração dos muçulmanos de Meca para Medina que ocorreu em 622 EC. Marcou o começo do calendário lunar muçulmano denominado Calendário Hijra. (Ver a secção 4)
- Ibadita:** Uma das escolas de direito islâmico. (Ver a secção 18)
- Islão:** O nome da religião que exorta à crença na Unicidade do Criador, Alá, e à total aceitação e obediência à Sua vontade. (Ver a secção 2)
- Jihad:** Lutar ou esforçar-se pela causa de Alá. Assim, constituem **Jihad** todas as ações de um crente executadas com a intenção de merecer o agrado e a aprovação de Alá.(Ver a secção 16)

- Kaaba:** A primeira casa construída na Terra para venerar o Deus Único. Situa-se no recinto da grande mesquita de Meca e está normalmente envolta num pano negro.
- Medina:** Cidade na Arábia Saudita situada a cerca de 400 km a norte de Meca. É o local da segunda mesquita mais sagrada no Islão, a Mesquita do Profeta (*Masjid Al-Nabawi* em arábico).
- Meca:** Cidade localizada na zona ocidental da Arábia Saudita. É o local da Kaaba e a primeira mesquita mais sagrada no Islão, a Mesquita Inviolável (*Masjid Al-Haraam* em arábico).
- Muçulmano:** Uma pessoa que acredita e segue os princípios da religião islâmica.
- Quibla:** A direção de Meca para a qual se voltam os muçulmanos nas suas orações.
- Alcorão:** A última mensagem divina, revelada ao profeta Maomé, que a paz esteja com ele. (Ver a secção 6)
- Sharia:** Código de conduta islâmico que engloba as crenças básicas (credo), formas de culto, ética, princípios socioeconómicos e o código penal. (Ver a secção 17)
- Xiita:** Uma das escolas de direito islâmico. (Ver a secção 18)
- Sunita:** Uma das escolas de direito islâmico. (Ver a secção 18)
- Sura:** Qualquer capítulo do Alcorão.
- Umma:** Toda a comunidade muçulmana no mundo muçulmano.

Notas finais

1. Sempre que são mencionados nomes de profetas, os muçulmanos invocam Alá, dizendo: «que a paz e a bênção (de Alá) estejam com ele/eles». (Ver também o Alcorão 33:56, 37:181)
2. Alcorão 2:132, 136, 22:78
3. Os artigos de fé são prescritos em vários versículos do Alcorão como, por exemplo, 2:3-4, 2:285, 4:136, 54:49, e noutros versículos.
4. É claro no Alcorão que as nossas ações não são predeterminadas por Deus. Ver por exemplo 4:62, 10:44, 13:11, 18:29, 30:41 e outros versículos.
5. Os artigos de religião são prescritos em vários versículos do Alcorão como, por exemplo, 2:3, 2:43, 2:183, 2:196, 3:97, 22:78, e noutros versículos.
6. Taqwa significa literalmente temer ou proteger. Significa o esforço para nos protegermos contra a ira de Alá e para temermos e termos consciência da Sua presença. Esta consciência de Deus é uma força motriz para alcançar a piedade e a virtude, ou seja, praticar o bem e evitar o mal.
7. Alcorão 7:158, 21:107, 33:40, 34:28
8. Esta oferta de liderança foi feita por Utbah bin Rabia'h (sogro de of Abu Sufyan) que era um dos dignitários de Meca.
9. Alcorão 29:50-51
10. O Sagrado Alcorão, tradução e comentários de A. Yusuf Ali, The Islamic Foundation, Londres, 1975. Comentário no versículo 7:157.
11. Alcorão 3:3, 4:47, 5:48, 15:9, 26:192-196, 76:23, e outros versículos.

12. A relação do homem com Alá e o resto da criação é proclamada em muitos versículos do Alcorão. Por exemplo, 1:2, 2:21-22, 2:257, 7:54, 50:21, 82:10-12, 18:50, 6:112, 12:5, 6:38, 2:164, 31:10, 36:71-73 e outros versículos.
13. Alcorão 2:38-39, 2:81-82, 17:9-10, e outros versículos.
14. Alcorão 3:137, 10:71-73; 11:25-49, 12: 1-113, 17:2-8, 71:1-28, e outros versículos.
15. The Geological Concept of Mountains in the Qur'an, El-Naggar, p. 5.
16. Para uma leitura adicional sobre este assunto, consultar: (1) Qur'an & Modern Sciences, do Dr. Zakir Naik, (2) The Bible, The Qur'an and Science, de Maurice Bucaille, (3) The Qur'an: Unchallengeable Miracle, de Caner Taslaman, tradução de Ender Gurol.
17. Alcorão 2:34, 17:61
18. Alcorão 14:44-46, 74:8-10, 80:33-46
19. Alcorão 13:22-23, 36:55-56, 52:21
20. Alcorão 5:48, 16:36, 10:47
21. Alcorão 3:64-65; 3:98-100, 4:47, e outros versículos.
22. Alcorão 2:75, 2:79, 2:146, 159, 174, 3:71, 4:46, 5:13 e 5:15. Os estudiosos da Bíblia de formação cristã também afirmam este facto; ver, por exemplo, (1) «Misquoting Jesus» e (2) «Jesus Interrupted» de Bart D. Ehrman.
23. Alcorão 5:48.
24. Alcorão 11:118-119

25. Alcorão 3:59, 4:171, 5:75, 5:116-117, 19:30,
26. A Bíblia (versão do Rei Jaime), Mateus 24:36, João 5:30, 14:28, 17:3 e 20:17, Atos 2:22. Para uma leitura adicional sobre este assunto, visitar o seguinte sítio web: <http://www.islam-guide.com/ch3-10-1.htm>. Outra leitura possível é «The First and Final Testament» do Dr. Lawrence Brown.
27. Alcorão 3:45, 4:171, 5:72, 19:30.
28. Alcorão 19:27–33 e Alcorão 3:49; 5:110.
29. Alcorão 5:110 e 57:27.
30. Todas as versões da Bíblia atestam o facto de Jesus, que a paz esteja com ele, ter sido enviado aos «Filhos de Israel». Ver por exemplo, a Bíblia (versão do Rei Jaime), Mateus 10:5–6 e Mateus 15:22–26.
31. Entre os cientistas, contava-se Sir Antony Flew que era um acérrimo defensor do ateísmo. Em 2004 anunciou a sua crença em Deus e, em 2007, escreveu um livro intitulado «There is God: How the World's Most Notorious Atheist Changed His Mind».
32. Alcorão 7:172 e 30:30
33. Alcorão 3:86, 10:9, 13:27, 17:97, 18:17, 48:4, 74:31.
34. Alcorão 17:70, 23:115, 29:2, 30:8
35. Os seguintes exemplos atestam as injustiças sofridas pelas mulheres ao longo da história: (1) Na Arábia pré-islâmica, os bebés do sexo feminino eram enterrados vivos. (2) A civilização romana considerava as mulheres como escravas, enquanto os gregos consideravam as mulheres como mercadoria. (3) Em França, em 587 EC, foi realizada uma conferência para decidir se as mulheres eram humanas ou não. (4) Antes de 1850 as mulheres não eram consideradas cidadãs em

Inglaterra e não tiveram direitos pessoais até 1882. (5) Na cultura chinesa, os homens não só podiam vender as mulheres como escravas, como podiam inclusivamente enterrá-las vivas. (6) Os hindus consideravam as mulheres como uma aflição pior do que a morte, o inferno, o veneno ou o fogo.

36. Alcorão 2:190, 2:193, 2:217, 4:75 e 8:39
37. Alcorão 8:67-70. Extensas secções dos capítulos 8 e 9 (bem como outros capítulos) lidam com as circunstâncias da guerra, a condução da guerra, as decisões sobre a trégua na guerra, os requerentes de asilo, a gestão dos espólios de guerra e o tratamento dos prisioneiros de guerra. É importante notar que os muçulmanos foram os primeiros na história a introduzir leis sobre o tratamento dos prisioneiros de guerra.
38. Ver a cronologia da abolição em: http://en.wikipedia.org/wiki/Abolition_of_slavery_timeline
39. Alcorão 10:99, 109:1–6 e outros versículos.
40. Referência VI, Página 183
41. Referência VII, Página 4
42. Referência VII, Página 4
43. Referência VIII, Página 110-114
44. Referência VIII, Página 116-118

Referência

- I. O Sagrado Alcorão, tradução e comentários de A. Yusuf Ali, The Islamic Foundation, Londres, 1975.
- II. Towards Understanding The Qur'an, de Sayyid Abul A'la Maududi, The Islamic Foundation, London, 1992.
- III. Qur'an and Modern Sciences: Conflict or Conciliation? do Dr. Zakir Naik (2008), Islamic Research Foundation, Mumbai, Índia.
- IV. Ulum Al-Qur'an, An Introduction to the Sciences of the Qur'an. De Ahmed Von Denfer, The Islamic Foundation, Londres, 1983
- V. Muhammad in the Hindu Scriptures. do Dr. Ved Prakash Upaddhay, publicado por A.S. Noordeen, Malásia, 2007
- VI. Tariq Ramadan, Radical Reform: Islamic Ethics and Liberation, Oxford University Press, Oxford, 2009.
- VII. Clinton Bennet, Muslims and Modernity: An Introduction to the Issues and Debates, Continuum, Nova Iorque, 2005.
- VIII. Mehmet Ozalp, Islam between Tradition and Modernity, Barton Books, Austrália, 2012.



«Ar-Rahmaan», o Todo-Misericordioso. Este é um dos atributos de Alá

تعريف الإسلام باللغة البرتغالية

NÃO SE DESTINA A VENDA